UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

MARESSA XAVIER ALCANTARA

**DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DA LÍNGUA IDATÉ DO TIMOR
LESTE**

Versão corrigida

SÃO PAULO

2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

**DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DA LÍNGUA IDATÉ DO TIMOR
LESTE**

Maressa Xavier Alcantara

Orientador: Paulo Chagas de Souza

De acordo

Dissertação de mestrado na área de
Semiótica e Linguística Geral,
apresentada como requisito para obtenção
do título de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Semiótica e Linguística
Geral, da Faculdade de Filosofia Letras e
Ciências Humanas.

Versão corrigida

SÃO PAULO

2015

Maressa Xavier Alcantara

**DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DA LÍNGUA IDATÉ DO TIMOR
LESTE**

Dissertação de mestrado na área de
Semiótica e Linguística Geral,
apresentada como requisito para obtenção
do título de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Semiótica e Linguística
Geral, da Faculdade de Filosofia Letras e
Ciências Humanas sob a orientação do Dr.
Paulo Chagas de Souza.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

FFLCH/USP

Prof. Dr. Willem Leo Marie Wetzels

FFLCH/USP

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

IEL/UNICAMP

ESTA PESQUISA FOI APOIADA PELA FAPESP (FUNDAÇÃO DE AMPARO À
PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO)

PROCESSO: 2012/08816-7

A PESQUISA DE CAMPO FOI REALIZADA ATRAVÉS DO PROGRAMA DE
ESTÁGIO NO EXTERIOR DA FAPESP DENOMINADO BEPE

PROCESSO: 2013/07330-6

*Àquele que compraste para Deus
homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus porque a todo momento e em qualquer lugar Ele se faz presente, e a sua presença faz toda a diferença na minha vida.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento da pesquisa e também a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento da pesquisa e do estágio no Timor Leste.

Agradeço ao meu orientador Paulo Chagas de Souza, pela disposição em me acompanhar durante a pesquisa e por todos os comentários e indicações que foram valiosas para o andamento do trabalho.

Agradeço também a tantos outros professores, como Luciana Storto, Didier Demolin, Plínio de Arruda e Leo Wetzels que me ajudaram a esclarecer as minhas dúvidas e a duvidar de coisas que eu mal sabia que existiam. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse realizar melhores análises.

Agradeço também a Universidade Nacional Timor Lorosae e ao INL (Instituto Nacional de Linguística) em nome do Dr. Benjamim Corte Real que me receberam durante a pesquisa de campo e colaboraram para o andamento do trabalho.

Agradeço também aos irmãos da ordem São João de Deus, em especial aos irmãos Vitor e José Antonio, que me hospedaram em Laclubar e sempre estavam dispostos a me ajudar no que fosse preciso. Mesmo sem me conhecer eles me trataram como uma amiga de muitos anos.

Agradeço também as irmãs da ordem do Sagrado Coração que foram muito prestativas comigo em Laclubar e me ajudaram a conhecer a comunidade e a realizar as entrevistas.

Agradeço a Dra. Catharina pela disposição em ler o meu trabalho, fornecer materiais de pesquisa e me ajudar também durante o estágio.

Agradeço a todos os meus amigos que vivem no Timor Leste, Silvania, Evaldo, Vanete, Tarcila, Lucimar e Carlos Marçal que abriram as portas para me receber e forneceram toda a ajuda que eu precisei.

Agradeço também ao meu amigo Marcelo pelas aulas de tétum que foram fundamentais para a tradução das listas de coleta e as entrevistas realizadas.

Agradeço também aos meus amigos da Igreja Batista FEESCA em Dili, Timor Leste, por todo o carinho durante o estágio, pela companhia durante as viagens e por me ajudarem a conhecer um pouco mais sobre a cultura timorense.

Agradeço especialmente a todos os timorenses falantes de idaté, sem vocês, não haveria pesquisa, obrigada por todas as viagens realizadas, pelas gravações e pelo tempo que vocês dedicaram a mim. É impossível esquecer de pessoas tão queridas como: Prof. Francisco, Prof. Raimundo, Prof. Amandio, Emílio, Álvaro, Mateus, Bentolino, Saturnino, Elvis, Bonifácio, Vitorino, Jerônimo e Amadeu.

Agradeço também aos meus amigos da Igreja Batista em Parada XV de Novembro que me acompanharam durante todo o meu trabalho.

Agradeço aos colegas do grupo de estudo FONEMOS pelas conversas, discussões e sugestões de análise.

Agradeço às minhas amigas Lizandra e Tarcila pela revisão da dissertação, pelas traduções feitas e pelo carinho e companhia que renovavam as minhas forças e me animavam a prosseguir.

Por fim, agradeço a toda a minha família, em especial a minha mãe Leila, ao meu irmão Wesley e a minha irmã Rebeca por todo o apoio e também pelas horas de descanso que vocês me obrigavam a tirar.

Ú su'ar Idaté importante loos ti au tanti umori ma idaté meker, naha nalau hori idaté, au bele sai anesa forsa isa noro ilat odi defende la nobu-nobu ene ba lák he ú larek mori-hatin, naha le odi atudu noro hu'at-sae lo laun-lau identidade kulturál auk.

“Falar Idaté é muito importante para mim porque nasci idaté e, a partir da idaté, posso ser uma força armada para defender toda a existência da minha terra natal colocando em frente e num patamar a minha identidade cultural”

Francisco dos Reis de Araújo

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal realizar uma primeira descrição do sistema fonético e fonológico da língua idaté, falada no Timor Leste na cidade de Manatuto. Esta análise foi feita por meio de um levantamento de dados com falantes nativos residentes no Brasil e com as coletas realizadas em pesquisa de campo no Timor Leste.

Primeiramente foi realizada uma transcrição dos sons da língua de acordo com o IPA (Alfabeto Fonético Internacional) e foi elaborado um inventário do sistema fonético-articulatório. Depois da análise fonética foi realizada uma análise fonológica para descrever como o sistema de sons está organizado visando verificar quais são os sons distintivos, juntamente com seus traços, quais são os alofones, os processos fonológicos, uma descrição da estrutura silábica e considerações sobre os traços prosódicos.

A língua idaté ainda não possui uma ortografia oficial e também quase não há estudos lingüísticos sobre ela. Sabe-se que o estudo aprofundado de uma língua possibilita o desenvolvimento das pesquisas linguísticas e também contribui para o fortalecimento da identidade cultural de um povo. Este fator ainda se torna mais importante em relação a línguas pouco estudadas e que ainda não possuem nenhum registro escrito, pois com o tempo, muitas delas podem ser extintas sem terem sido nem registradas.

Palavras-chave: idaté, Timor Leste, fonética, fonologia

ABSTRACT

The main goal of this dissertation is to give a first description of the phonetical and phonological system of the language Idaté, spoken in the city of Manatuto in East Timor. This analysis was made with data elicited from native speakers of Idaté living in Brasil and with the research in field work in East Timor.

First a transcription of speech sounds of the language was given, using the IPA (International Phonetic Alphabet) and an inventory of the phonetic system of Idaté was made.

After this phonetic analysis, a phonological analysis was made to describe how the system of sounds is organized, being aimed to check which are the distinct sounds, as well the features, the allophones, the phonological processes, a description of the syllabic structure and the prosodic characteristics in the language.

Idaté does not have an official orthographic system yet and there are not many linguistic studies about this language. It is known that a deep study about a language allows the development of linguistic research and also helps to strengthen the cultural identity of the people. This factor is more important related to languages that have few studies about and that have not written records, since such languages may die without being previously analyzed.

Keywords: Idaté, East Timor, phonetic, phonology

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa dos distritos do Timor Leste	22
Mapa 2: Mapa das línguas do Timor Leste (Censo 2010)	32
Mapa 3: Mapa das famílias linguísticas do Timor Leste	35
Mapa 4: Mapa das migrações dos povos austonésios	36
Mapa 5. Mapa do distrito de Manatuto com destaque para o subdistrito de Laclubar	38
Mapa 6: Mapa de distribuição da língua idaté no Timor Leste	39
Mapa 7: Mapa das línguas do Timor Leste	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Palavras comum em idaté, tétum, mambae e no proto austronésio	29
Tabela 2: Classificação do número de línguas faladas no Timor	32
Tabela 3: Distribuição do número da população em Laclubar; dos falantes do idaté e das outras línguas faladas nos sucos (Censo 2010)	40
Tabela 4: FATOR 1: Transmissão intergeracional da língua	47
Tabela 5: Domínios de uso do idaté	48
Tabela 6: FATOR 4: Tendências nos domínios de linguagem existentes	49
Tabela 7: FATOR 5: Respostas para os novos domínios e Mídia	51
Tabela 8: FATOR 6: Materiais para a educação e literatura	53
Tabela 9: Relação das línguas do Timor Leste e o número de falantes. (Ethnologue)	54
Tabela 10: FATOR 7: Atitudes linguísticas governamentais, institucionais e políticas, incluindo uso e status oficial	54
Tabela 11: FATOR 8: Atitudes dos membros da comunidade sobre a sua própria língua	56
Tabela 12: FATOR 9: Quantidade e qualidade da documentação	57
Tabela 13: Relação dos fatores de análise da vitalidade da língua idaté	57
Tabela 14: Sons consonantais da língua idaté	61
Tabela 15: Segmentos vocálicos do idaté	61
Tabela 16: Fonemas consonantais do idaté	66
Tabela 17: Relação dos fonemas e alofones consonantais da língua idaté	87
Tabela 18: Segmentos vocálicos do idaté	88
Tabela 19: Fonemas vocálicos do idaté	90
Tabela 20: Relação dos fonemas e alofones vocálicos da língua idaté	100
Tabela 21: Palavras reduplicadas em idaté	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama das línguas Austronésias proposto por Blust	36
Figura 2: Relação da proporção das línguas maternas faladas em cada distrito	39
Figura 3: Espectograma de [b] em ['be.tuk̚] ‘bambu’, janela de 5.000 Hz	63
Figura 4: Espectograma de [p] em ['pe.tuk̚] ‘bambu’, janela de 5.000 Hz	64
Figura 5: Espectograma de [β] em ['lɛ.βas] ‘lama’. Janela de 5.000 Hz	66
Figura 6: Espectograma de [t] em ['be.tuk̚] ‘bambu’. Janela 5.000 Hz	67
Figura 7: Espectograma de [t̚] em [i.lat̚] ‘arma’. Janela de 5.000 Hz	68
Figura 8: Espectograma de [d] em ['a.da] ‘casa’. Janela de 5.000 Hz	69
Figura 9: Espectograma de [ð] em ['a.ða] ‘casa’. Janela de 5.000 Hz	70
Figura 10: Espectograma de [k] em [la'ke.ru] ‘chuchu’. Janela de 5.000 Hz	72
Figura 11: Espectograma de [k̚] em ['su.suk̚] ‘mosquito’. Janela de 5.000 Hz	73
Figura 12: Espectograma de [m] em [mu:]. Janela de 5.000 Hz	75
Figura 13: Espectograma de [n] em [la.na.'ɛ.las] ‘doença’. Janela de 5.000 Hz	75
Figura 14: Espectograma de [ɾ] em ['u.rus] ‘pimenta’. Janela de 5.000 Hz	76
Figura 15: Espectograma de [r] em [ra.ta] ‘chegar’. Janela de 5.000 Hz	77
Figura 16: Espectro de [s] em [la.'ha.saf] ‘formiga’	78
Figura 17: Espectograma de [s] em ['su.suk̚] ‘mosquito’. Janela de 5.000 Hz	78
Figura 18: Espectograma de [h] e [ɦ] em ['ha.ɦan] ‘voz’. Janela 5.000 Hz	79
Figura 19: Espectro em banda larga de [l] em [su.'ma.lar]	81
Figura 20: Espectograma de [l] em ['lu.lu] ‘enrolar’. Janela de 5.000 Hz	81
Figura 21: Espectograma de [ʔ] em ['hi.ʔu] ‘faca’. Janela de 5.000 Hz	82

Figura 22: Espectograma de [ʔ] em [la.'ʔe.ru] ‘faca’, janela de 5.000 Hz	83
Figura 23: Espectograma de [ʔ] em ['ki.ʔi] ‘tia’, janela de 5.000 Hz	83
Figura 24: Espectograma de [ʔ] em ['si.ʔik ɿ] ‘tia’, janela de 5.000 Hz	84
Figura 25: Espectograma de [ʔ] em [a.i.'le.ʔek ɿ] , janela de 5.000 Hz	84
Figura 26: Espectograma de [w] em ['wa.i] ‘fogo’. Janela de 5.000 Hz	94
Figura 27: Relação da duração e do acento nas vogais	95
Figura 28: Relação das vogais breves e longas em sílaba tônica	96
Figura 29: Espectograma de ['se.ʔi] ‘machado’. Janela de 5.000 Hz	97
Figura 30: Espectograma de [a] em [la'ʔa:] ‘comida’. Janela de 5.000 Hz	98
Figura 31: Espectograma de [u] em ['su.ʔar] ‘falar’. Janela de 5.000 Hz	98
Figura 32: Espectograma de [a] em ['lu.taɾ] Janela de 5.000 Hz	99
Figura 33: Espectograma [i.laɪ ɿ] ‘arma’. Janela de 5.000 Hz	105
Figura 34: Espectograma ['a.da] ‘casa’. Janela de 5.000 Hz	106
Figura 35: Espectograma [a.i] ‘árvore’. Janela de 5.000 Hz	106

LISTA DE ABREVIATURA, SIGLAS E SÍMBOLOS

'	Acento primário
,	Acento secundário
.	Fronteira silábica
[]	Descrição fonética
//	Descrição fonológica
{ }	Descrição morfológica
σ	Sílaba
C	Consoante
CAA	Contraste em Ambiente Análogo
CAI	Contraste em Ambiente Idêntico
DC	Distribuição Complementar
μ	Mora
∅	Morfema zero
NDA	Nos Demais Ambientes
SQ	Sensível à Quantidade
V	Vogal
PS	Pessoa do Singular
PP	Pessoa do Plural

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	22
1.1 Divisões administrativas do Timor Leste	22
1.1.1 Distritos	22
1.1.2 Subdistritos	23
1.1.3 Sucos	23
1.1.4 Língua idaté	23
1.2 Objetivos e organização da dissertação	24
1.3 Material e metodologia	26
1.4 Corpus	29
 CAPÍTULO 2- CONTEXTO LINGUÍSTICO DO TIMOR LESTE	 31
2.1 Família Austronésia	35
2.2 Língua idaté	37
2.3 Vitalidade da língua idaté	42
2.3.1 FATOR 1: Transmissão intergeracional da língua	44
2.3.2 FATOR 2: Número absoluto de falantes	47
2.3.3 FATOR 3: Proporção dos falantes com o total da população	48
2.3.4 FATOR 4: Tendências nos domínios de linguagem existentes	48
2.3.5 FATOR 5: Respostas para os novos domínios e Mídia	50
2.3.6 FATOR 6: Materiais para a educação e literatura	51
2.3.7 FATOR 7: Atitudes linguísticas governamentais, institucionais e políticas, incluindo uso e status oficial	53
2.3.8 FATOR 8: Atitudes dos membros da comunidade sobre a sua própria língua	55
2.3.9 FATOR 9: Quantidade e qualidade da documentação	56
 CAPÍTULO 3- DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DAS CONSOANTES	 58
3.1 Introdução	58
3.2 Quadro fonético das consoantes e vogais	60
3.3 Consoantes: pares suspeitos e contrastes	61

3.3.1 Contrastes	62
3.4 Consoantes: Descrição fonética dos sons e processos fonológicos	66
3.4.1 Fonema /b/ : oclusiva bilabial vozeada	66
3.4.2 Fonema /t/ : oclusiva alveolar não vozeada	71
3.4.3 Fonema /d/ : oclusiva pós-alveolar vozeada	73
3.4.4 Fonema /k/ : oclusiva velar não vozeada	76
3.4.5 Fonema /m/ : nasal bilabial vozeada	78
3.4.6 Fonema /n/ : nasal alveolar vozeada	79
3.4.7 Fonema /t/ : tepe	80
3.4.8 Fonema /s/ : fricativa alveolar não vozeada	81
3.4.9 Fonema /h/ : fricativa glotal não vozeada	83
3.4.10 Fonema /l/ : aproximante lateral vozeada	84
3.5 Glotalização	85
3.6 Quadro de fonemas e alofones consonantais em idaté	91
 CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DAS VOGAIS	 92
4.1 Contrastes	93
4.2 Vogais: Descrição fonética dos sons e processos fonológicos	94
4.2.1 Fonema /i/ : vogal anterior fechada não arredondada	94
4.2.2 Fonema /e/ : vogal anterior média fechada não arredondada	95
4.2.3 Fonema /o/ : vogal posterior média fechada arredondada	96
4.2.4 Fonema /a/ : vogal central aberta não arredondada	96
4.2.5 Fonema /u/ : vogal posterior fechada arredondada	96
4.3 Vogais alongadas	99
4.4 Laringalização fonética das vogais	101
4.5 Vogais nasalizadas	103
4.6 Quadro de fonemas e alofones vocálicos em idaté	104
 CAPÍTULO 5- ESTRUTURA SILÁBICA	 105
5.1 Ataque obrigatório	108
5.2 Sequências vocálicas	110
5.3 Reduplicação	111

CAPÍTULO 6 – ACENTO	113
CONCLUSÃO	120
BIBLIOGRAFIA	122
APÊNDICE 1: análise morfológica preliminar	127
APÊNDICE 2: lista de palavras	138

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Divisões administrativas do Timor Leste

A terminologia dada para as divisões administrativas pode variar de país para país. Desta maneira, os termos utilizados no Timor Leste para estas divisões são diferentes dos utilizados no Brasil. Pelo fato de não existir uma tradução correspondente, utilizaremos as divisões administrativas com a mesma terminologia usada no Timor Leste. Para um maior entendimento, segue uma explicação das divisões do país¹:

1.1.1 Distritos

Cada distrito possui uma cidade capital e é formado pelos subdistritos. O Timor Leste possui 13 distritos: Bobonaro, Liquiçá, Dili, Baucau, Manatuto, Lautém, Cova-Lima, Ainaro, Manufahi, Viqueque, Ermera, Aileu e o enclave de Oecussi-Ambeno, que é localizado na Indonésia, mas pertence ao Timor Leste.

Mapa 1 :Mapa dos distritos do Timor Leste.

¹<http://timor-leste.gov.tl/?p=91>

1.1.2 Subdistritos

Cada subdistrito possui uma localidade capital e subdivisões administrativas chamadas de sucos. Existem 67 subdistritos espalhados nos 13 distritos.

1.1.3 Sucos

Um suco representa a menor divisão administrativa do Timor Leste e pode ser composto de uma ou mais aldeias. Existem 498 sucos no território.

1.1.4 Língua idaté

De acordo com as divisões administrativas, o idaté é falado como língua materna no distrito de Manatuto, no subdistrito de Laclubar que é composto por 6 sucos: Batara, Fatumaquerec, Funar, Manelima, Orlalan (capital do subdistrito de Laclubar) e Sananain.

Esta língua é falada em menor proporção também no distrito de Manatuto, no suco de Cribas e no subdistrito de Soibada. Esta descrição será mais detalhada no capítulo 2.

1.2 Objetivos e organização da dissertação

Essa dissertação tem como objetivo realizar uma primeira descrição do sistema fonético e fonológico da língua idaté falada na parte central do Timor Leste no subdistrito de Laclubar.

A descrição destes sistemas é fundamental, pois através deles é possível verificar como a cadeia sonora da fala está organizada já que eles servem de base para futuras análises morfológicas, sintáticas e discursivas, o que possibilita o avanço das pesquisas linguísticas e o conhecimento de línguas que ainda não foram analisadas.

Apesar do objetivo central desta pesquisa possuir um caráter primordialmente descritivo, houve uma tentativa de expandir a análise buscando também avançar na compreensão do funcionamento do sistema e não simplesmente relatar a existência de determinados sons.

Através do estudo fonético é possível transcrever, classificar e descrever os sons. Com a elaboração de um inventário fonético temos uma visão inicial de todos os fones que podem ocorrer na língua. O que irá diferenciar o inventário fonético de uma língua do de outra é a estrutura e organização destes sons dentro de um sistema fonológico.

Por isso, a análise fonológica terá como objetivo analisar e contrastar os fonemas e alofones da língua, descrever e analisar a estrutura silábica, o padrão acentual e observar a ocorrência de outros processos fonológicos e morfofonêmicos.

No Capítulo 1 apresentamos as divisões administrativas do Timor Leste, os objetivos da pesquisa, informações técnicas sobre a metodologia utilizada e a formação do corpus.

No Capítulo 2 apresentamos uma explicação inicial sobre o contexto linguístico do Timor Leste, sobre a família austronésia, a língua idaté e uma análise da sua vitalidade.

Já no Capítulo 3 há a análise fonética baseada em propriedades articulatórias e acústicas com a descrição dos fones consonantais e seus ambientes de ocorrência. Há também a análise fonológica centrada no contraste dos fones semelhantes e definição dos fonemas e alofones da língua, bem como a distribuição complementar de alguns sons e alguns processos fonológicos.

No Capítulo 4 há a análise dos fones vocálicos seguindo o mesmo padrão descrito no Capítulo 3.

No Capítulo 5 temos uma descrição da estrutura silábica e por fim no Capítulo 6 temos uma descrição do padrão acentual em idaté.

No apêndice 1 temos uma breve análise morfológica da língua idaté que foi realizada com o objetivo de definir as fronteiras dos morfemas e no apêndice 2 temos uma lista de todos os exemplos utilizados nesta dissertação.

1.3 Material e metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa tem como base os trabalhos de Pike (1949), Cagliari (1997), Burquest (1998), Crowley (2007) e Veen & Mvé (2010), que propõem um guia para a análise fonética e fonológica.

Inicialmente, para a coleta de dados, foi realizada uma pesquisa junto à Embaixada do Timor Leste no Brasil para verificar se havia timorenses falantes do idaté estudando no Brasil. Foi obtido o contato e foram realizadas quatro sessões linguísticas, com 5 timorenses com idades entre 23 e 29 anos que estavam no Brasil entre os anos de 2011 e 2013. No total foram gravadas cerca de 500 palavras e 70 frases com cada informante.

Em um segundo momento foi realizada uma pesquisa de campo de 6 meses no Timor e foi possível observar o uso da língua em sua comunidade além de coletar informações linguísticas, históricas e sociais sobre o povo natural de Laclubar, que se identifica pela língua materna, chamada idaté.

No estágio realizamos uma pesquisa junto às bibliotecas locais na capital do Timor Leste, Dili. Dos diversos lugares pesquisados, coletamos dados significativos no Instituto Camões, no INL (Instituto Nacional de Linguística) e no DIT (Dili Institute of Technology). Posteriormente também foram coletados dados na Administração de Laclubar e com outros professores e diretores das instituições de ensino.

Dentre os documentos obtidos, destacam-se uma gramática do idaté elaborada em 2006 por Hercus Pereira dos Santos e um dicionário idaté-inglês elaborado em 2005 por Luísa Ferreira.

Foram realizadas 5 viagens para Laclubar e uma viagem para Cribas, um outro suco do distrito de Manatuto, em que também é falada a língua idaté. Além das viagens, também foram realizadas sessões linguísticas em Dili com falantes nativos do idaté que residem na capital.

Durante a pesquisa de campo foram realizadas 75 sessões linguísticas, tendo sido coletadas cerca de 300 palavras e 350 frases com 68 informantes.

Também foi possível coletar dados de outras línguas próximas ao idaté, como o habu, falado no distrito de Manatuto, o mambae falado no distrito de Same e o tétum, na capital Dili. Para isso, foi utilizada a lista de 100 palavras de Swadesh juntamente com uma lista adicional de palavras de uso comum nestas línguas elaborada pela pesquisadora.

A coleta de dados do idaté também foi feita inicialmente com as palavras da lista de *Swadesh*. Depois foram elaboradas outras listas relacionadas o máximo possível com a vida cotidiana dos cidadãos timorenses, como os termos “búfalo, arroz, água, mãe, pai etc”.

Na pesquisa de campo, foram criadas listas específicas para solucionar algumas dúvidas de análise. Dentre elas, destacam-se: a variação das oclusivas, a glotalização, as vogais médias, o uso dos verbos, dos adjetivos e possessivos, a divisão silábica, e possíveis sinônimos. Em algumas sessões também foram realizados ditados para confirmar a transcrição de algumas palavras tendo sido utilizado um espelho ao lado da boca para observar a produção dos fones bilabiais e alveolares.

Para as gravações foi utilizado o programa *Free Software Audacity 1.2.6a*, com auxílio de um microfone externo. Os arquivos foram salvos em formato wav, e cada

palavra ou frase foram repetidas três vezes por cada informante. Na pesquisa de campo os dados foram gravados através de um gravador portátil *Sony* com o auxílio de um microfone externo.

Sempre que possível, houve o cuidado de realizar a gravação em um ambiente silencioso de modo que os ruídos não afetassem a identificação dos fones. Também foi utilizado o programa *Praat* para esclarecer possíveis dúvidas quanto à distinção dos fones.

A transcrição dos dados foi realizada de acordo com o IPA (Alfabético Fonético Internacional) com o auxílio do teclado *Keyman Desktop Light* 8.0. Foi elaborado um catálogo via *Field Linguist's Toolbox* 1.5.2 e ainda utilizado o programa *Free Phonology Assistant* na organização e análise dos dados obtidos.

Para a análise da vitalidade da língua, foram realizadas 20 entrevistas formais com falantes do idaté que residem tanto em Laclubar quanto em Cribas e na capital Dili. Também foram feitas observações sobre o uso da língua na comunidade, principalmente nas casas, nas escolas e entre as crianças. A partir disso, foi elaborada uma escala da vitalidade da língua de acordo com a proposta da UNESCO (2003) e uma análise dos nove fatores propostos bem como outras observações importantes sobre a situação sociolinguística.

1.4 Corpus

O corpus dessa dissertação é formado por 800 palavras e 420 frases coletadas com 73 falantes. As palavras coletadas são de diversas classes gramaticais e a grande maioria de uso comum na vida cotidiana nos moradores de Laclubar.

Pelo fato do Timor ser um país multilíngüe, o contato entre as línguas é muito frequente, o que gera um grande número de empréstimos lexicais, principalmente do português. Em sua grande maioria os empréstimos são palavras que não faziam parte da comunidade até a chegada do colonizador português, como por exemplo: a fruta maçã que não é típica da região, utensílios de cozinha como fogão, geladeira e vestuários como calça.

O contato também proporciona um uso comum de certas palavras que tanto podem indicar uma mesma Proto-Língua, sendo cognatos, ou um empréstimo de alguma outra língua do Timor. Nos exemplos abaixo podemos verificar que algumas palavras têm sua origem no Proto-Austronésio e não sofrem alterações fonéticas, já outras sofrem algumas alterações ou são totalmente distintas do Proto²:

Proto Austronésio	Idaté	Tétum	mambae	glosa
asu	asu	asu	asu	‘cachorro’
aku	au	hau	au	‘eu’
sikan	ikan	ikan	ikan	‘peixe’
isá	isa	ida	id	‘um’
simar	boʔur	bokur	ʔole	‘gordo’

Tabela 1. Palavras comuns em idaté, tétum, mambae e no proto austronésio.

² As reconstruções do proto austronésio foram extraídas de <http://language.psy.auckland.ac.nz/austronesian/language.php?id=280> e http://www.trussel2.com/acd/acd-pl_pan.htm. As palavras em tétum e mambae foram gravadas na pesquisa de campo.

Como não foi realizada uma pesquisa profunda sobre a relação do idaté com as outras línguas e suas origens, as palavras idênticas que possuem um uso comum, principalmente entre a língua veicular tétum e o idaté, como *asu* e *ikan* não foram consideradas nas análises, pois por se tratar de uma análise pioneira, preferimos considerar as palavras de uso “exclusivo” do idaté.

CAPÍTULO 2

CONTEXTO LINGUÍSTICO DO TIMOR LESTE

O Timor Leste é um país localizado no continente asiático e apresenta uma grande variedade linguística em seu território. Não há um consenso entre os pesquisadores acerca do número exato de línguas faladas no país. Desde as pesquisas realizadas no século XIX até as atuais não se sabe ao certo o que pode ser considerado como uma língua ou como um dialeto.

A definição do que é uma língua e um dialeto é muito discutida na linguística e por isso a classificação exata do número de línguas de um país é bem complexa, pois esta análise não está sujeita somente aos critérios lingüísticos, mas também aos fatores sócio-políticos e geográfico-históricos. Esta distinção ainda se torna um desafio maior principalmente quando se trata de línguas sobre as quais praticamente não existem estudos linguísticos e quase não há dados comparativos para se realizarem pesquisas mais profundas a fim de verificar se são línguas ou dialetos.

Na tabela 2 temos a relação de algumas pesquisas que foram feitas no Timor Leste e o número de línguas estabelecidas por cada autor. Desta maneira é possível estimar que existam entre 15 a 20 línguas no país³:

³ Dados extraídos de: ESPERANÇA, João Paulo. Estudos de lingüística timorense. SUL – Associação de Cooperação para o desenvolvimento. Aveiro, 2001.

Ano	Autor	Número de línguas e dialetos
1891	Bento de França	18 línguas
1900	Padre Alves da Silva	Mais de 20 línguas
1918	Magalhães	Mais de 20 línguas
1949	Luma de Oliveira	28 línguas
1956	Felgas	Não cita o número de línguas, mas menciona o fato de que muitos dialetos já podem ter desaparecido.
1980	Masinambouw	15 línguas divididas em 20 dialetos
1998	Geoffrey Hull	16 línguas
2002	Hayek	Entre 15 e 20
2010	Censo 2010	17 línguas
2013	<i>Ethnologue</i>	18 línguas

Tabela 3: Classificação do número de línguas faladas no Timor.

No último Censo de 2010 foram listadas 17 línguas nativas, como pode ser observado no mapa abaixo:

Mapa 2: Mapa das línguas do Timor Leste (Censo 2010).

As duas línguas oficiais do país são o tétum praça ou Dili e o português. O português é fruto da colonização portuguesa e o tétum pode ser dividido em tétum térík e tétum praça / Dili.

O tétum térík é uma língua indígena falada na parte oeste do Timor com cerca de 63.500 falantes (*Ethonologue*).

Segundo Van Klinken e Hayek (2002), uma forma do tétum surgiu como língua veicular no Timor desde o século XV, antes da chegada dos portugueses. O uso do tétum se concentrou em Dili, que foi estabelecida como capital no ano de 1700. Desta maneira, o contato entre o tétum e o português foi muito intenso (desde 1514), ocorrendo muitos empréstimos lexicais e influências na gramática e fonologia da língua. Após a invasão indonésia em 1975, o bahasa indonésio também influenciou o tétum, principalmente no léxico. Este é o tétum conhecido atualmente como tétum praça/ Dili que é a língua veicular e materna, principalmente das pessoas que nascem em Dili com aproximadamente 385.000 falantes.

O tétum sofreu diversas alterações para poder desempenhar o seu papel atribuído pelas políticas linguísticas desenvolvidas no país e para poder ser utilizado em vários domínios. Para isso ele foi “equipado” (Calvet 2007) através da criação de uma ortografia oficial, com a aquisição de empréstimos lexicais e uma tentativa de “padronizar” as variações existentes. Das línguas do país é a que mais apresenta estudos, pois já possui gramáticas e dicionários para diversas línguas do país e para o inglês e o português.

Segundo Van Klinken e Hayek (2002), os dois tétuns se diferenciaram tanto que já não podem ser considerados como a mesma língua, mas sim como duas línguas

distintas. É bem possível que o tétum praça possa ser considerado como um crioulo com base no tétum térík e no português.

Já o Português chegou à ilha com a colonização portuguesa por volta do ano 1515, porém com a ocupação indonésia em 1975 o seu uso foi proibido e somente a partir da independência em 1999 é que o seu uso passou a ser permitido nas escolas e ocupou o status de língua oficial no ano de 2001.

Com a ocupação do território timorense pela Indonésia houve a inclusão de outra língua, o bahasa indonésio, também chamado somente de indonésio. Durante 24 anos de ocupação esta língua era ensinada nas escolas e consequentemente aprendida pela população, principalmente na geração de crianças e jovens. Este contato linguístico gerou uma série de empréstimos lexicais nas línguas do Timor, mas mesmo com 24 anos (1975 a 1999) de proibição do uso das línguas locais, grande parte delas foram preservadas e continuam a serem utilizadas por todo o território.

A língua indonésia, juntamente com o inglês, são também consideradas como línguas de trabalho, pois são utilizadas nas empresas, administração e nos órgãos governamentais.

As línguas do Timor podem ser divididas em duas famílias: austronésia e papuásica. Através de algumas pesquisas arqueológicas realizadas no país verificou-se a existência de dois períodos diferentes de migrações de outros povos. Por volta do ano 3.500 aC, houve uma civilização chamada de “machado oval” que apresenta características dos povos papuásicos, o que provavelmente deu origem às línguas desta família faladas no Timor. Já por volta do ano de 2.500 a.C, houve migrações do povo

austronésio através de uma civilização chamada de “machado quadrangular”, a qual deu origem às línguas austronésias (Albuquerque 2010).

De maneira geral, os linguistas concordam que as línguas do Timor podem ser divididas em dois grandes grupos: as da família austronésia e as da família papua (trans-New Guinea) e estão distribuídas no território conforme ilustrado no mapa abaixo:

Mapa 3: Mapa das famílias linguísticas do Timor Leste

2.1 Família austronésia

De acordo com os dados do *Ethnologue* a família austronésia é uma das maiores famílias linguísticas do mundo, seja pelo número de línguas, aproximadamente 1.222 faladas por 346 milhões de pessoas; seja pela sua extensão geográfica muito ampla, se estendendo desde Madagascar até a Ilha de Páscoa, como pode ser observado no mapa das migrações:

Mapa 4: Mapa das migrações dos povos austronésios⁴

Blust (1977, 1980 e 1999 in Adelaar e Himmelmann 2011) propôs uma classificação interna destas línguas e apesar das divergências apresentadas por alguns, como a subdivisão do malaio ocidental, é a classificação mais aceita e usada pelos pesquisadores:

Figura 1. Diagrama das línguas Austronésias proposto por Blust. A sigla SHWNG significa (South-Halmahera-West-New- Guinea).

⁴ Austronesian languages expansion map. Based on l'Atlas historique des migrations de Michel Jan, Gérard Chaliand, Jean-Pierre Rageau, Edition Seuil, March 1999, ISBN 2020132230. Os anos são baseados em estudos arqueológicos, mas outros cientistas sugeriram números diferentes.

As línguas desta família são bem diversas se considerarmos o número de falantes, o status delas e a sua estrutura. Porém algo semelhante é que o malaio foi a língua comum nesta área por muitos anos principalmente na Malásia, Indonésia e Brunei. Não se sabe ao certo qual é a terra original destas línguas, mas acredita-se que os falantes austronésios se espalharam a partir de Taiwan.

Himmelman e Adelaar (2011), a partir de comparações de diversas línguas, propuseram alguns padrões gerais que podem ser considerados como características tipológicas destes grupos, como a reduplicação, a distinção entre pronomes inclusivos e exclusivos e os causativos morfológicos. Porém, eles mesmos expõem que as línguas do Timor não estão incluídas nestas classificações, pois estas línguas apresentam um perfil tipológico com tendências diferentes das demais.

Apesar de Himmelman e Adelaar (2011) não incluírem as línguas do Timor nestes padrões, através da análise realizada do idaté, verificou-se que muitas destas características também são constatadas, gerando uma proximidade do idaté com as línguas da sua família.

2.2 Língua idaté

A língua idaté é falada como língua materna no subdistrito de Laclubar no distrito de Manatuto, e também em menor proporção no suco de Cribas e no subdistrito de Soibada. Muito provavelmente houve um deslocamento populacional através do qual as pessoas saíram de Laclubar e passaram a residir nestes outros sucos próximos, como pode ser observado no mapa:

Mapa 5. Mapa do distrito de Manatuto com destaque para o subdistrito de Laclubar.

A língua idaté pertence à família austronésia, mais especificamente ao tronco malaio polinésio central. Estima-se que existam cerca de 13.872 falantes do idaté, fazendo dela a língua mais falada no distrito de Manatuto, conforme pode ser observado na figura 2:

Chart 1-1 Top Four Mother Tongues in Each District

Figura 2. Relação da proporção das línguas maternas faladas em cada distrito.

De acordo com o último Censo realizado no país em 2010 observamos que o idaté também é falado em menor proporção em outras regiões, como em Baucau, Dili, Same e Liquiça. Isso ocorre provavelmente devido às migrações das pessoas, por motivos de casamento, estudo e trabalho, o que gera uma difusão da língua no país e também amplia o contato entre línguas.

Mapa 6: Mapa de distribuição da língua idaté no Timor Leste

O subdistrito de Laclubar, onde há uma maior concentração dos falantes, está a cerca de 3 horas de Manatuto e está localizado em uma região de montanhas. Ele possui 6 sucos, os quais aparecem descritos na tabela abaixo com o número estimado da população, dos falantes do idaté e das outras línguas faladas na região:

<i>Sucos</i>	população	falantes do Idaté	outras línguas
Batara	1,766	95% ⁵	adabe, tétum prasa
Fatumaquerec	544	95%	adabe, mambai
Funar	1,790	90%	adabe, tetum prasa
Manelima	2,468	98%	tetum prasa
Orlalan	4,522	90%	tetum prasa, lolein tetum terik
Sananain	592	98 %	tetum térík, tetum prasa
Total	11.682	94%	adabe, tétum prasa, mambai, tétum térík, lolein

Tabela 3: Distribuição do número da população em Laclubar; dos falantes do idaté e das outras línguas faladas nos sucos (censo 2010).

Devido à distância do sucos de Fatumaquerec e Sananain, não foi possível realizar viagens até estes locais, pois não havia transporte público e as viagens tinham que ser feitas a pé, o que podia levar mais de 10 horas.

O suco de Orlalan é a capital do subdistrito. É o local onde há um maior fluxo de pessoas e mais contato com estrangeiros, principalmente brasileiros e portugueses. Nestes sucos também há as melhores escolas e um curso na área de língua inglesa.

Já os sucos de Manelima e Funar são mais afastados da capital e na maioria das vezes as pessoas se locomovem de um lugar para o outro a pé, pois não há transporte público. O suco de Manelima apresenta duas grandes aldeias: Manelima Bora e Manelima Lama. De Orlalan até Bora são cerca de 4 horas andando, e para Lama e Funar cerca de 2 horas.

⁵ As porcentagens são valores estimados a partir dos dados do censo de 2010.

Hull (1998) em sua classificação sobre as línguas do Timor criou uma terminologia científica, um tipo de acrônimo, para identificar o idaté. O termo *idalaca* refere-se aos dialetos (sic) idaté, lakalei e isni. Ele também considera que estas línguas são “semi-austronésias” por possuírem somente algumas características destas línguas.

Segundo o último Censo do país a língua lakalei possui 2.400 falantes nos subdistritos de Alas e Fatuberlico no distrito de Manufahi, já a língua isni é falada no subdistrito de Turiscai também em Manufahi por aproximadamente 542 falantes. Pela distribuição do mapa abaixo observamos que lakalei e o idaté são falados na mesma região, no distrito de Manatuto:

Mapa 7: Mapa das línguas do Timor Leste. As línguas lakalei e idaté estão identificadas com a seta.

O nome da língua isni só foi encontrado nos trabalhos de Hull, e pelo fato do governo do Timor Leste considerá-lo como um padrão de referência para a análise

lingüística do país, nos resultados do Censo também consta este nome. Porém, na pesquisa de campo realizada, não houve um falante que reconhecesse esta língua.

O termo idalaka também foi mal interpretado no Censo 2010, pois ele é colocado como uma língua materna falada nos subdistritos de Maubisse e Lequidoe por 22 falantes.

Apesar de Hull (1998) categorizar o idaté como um dialeto, ele não fala de qual língua este dialeto seria e nem apresenta dados e evidências que comprovem esta definição.

O mesmo autor também afirma que há uma escassez de dados e pesquisas sobre as línguas do Timor, portanto definir o que é uma língua e um dialeto ainda é um dos desafios linguísticos do país. Devido à falta de análises mais específicas sobre este assunto, consideraremos nesta análise o idaté como uma língua e não um dialeto, diferente da proposta de Hull.

2.3 Vitalidade da língua idaté

Segundo Krauss (1992, apud Flory in Adelaar e Himmelmann 2011) das 6.000 línguas faladas no mundo apenas 10% podem ser classificadas como a salvo, outras 10% estão perto de serem extintas e 20% estão moribundas, sendo que muitas línguas austronésias estão ameaçadas.

Através da pesquisa de campo foi possível realizar uma análise da vitalidade da língua utilizando a proposta da UNESCO (2003) baseada em nove fatores. Dentre eles, seis estão relacionados com a vitalidade da língua e estado de risco (fatores 1-6), dois fornecem uma base para avaliar as atitudes linguísticas (fatores 7 e 8) e um para verificar a urgência da documentação na língua (fator 9):

Fator 1. Transmissão intergeracional da língua

Fator 2. Número absoluto de falantes

Fator 3. Proporção dos falantes em relação ao total da população

Fator 4. Tendências nos domínios de linguagem existentes

Fator 5. Respostas para os novos domínios e mídia (escala)

Fator 6. Materiais para Educação na língua e alfabetização.

Fator 7. Atitudes linguísticas e políticas governamentais e institucionais, incluindo o status oficial e o uso (escala).

Fator 8. Atitudes dos membros da comunidade perante sua própria língua.

Fator 9. Quantidade e qualidade da documentação.

Em um país multilíngüe, cada língua terá um *status* e uma função. O tétum Dili pode ser considerado uma língua majoritária cujos domínios se estendem desde as casas até os telejornais e escolas. Das línguas nativas, é a que mais possui documentação linguística, como livros, gramáticas, artigos acadêmicos e dicionários para o português, inglês, bahasa indonésio e outras línguas nativas.

De maneira geral, quanto mais afastado da capital de Laclubar (Orlalan), menos se compreende o tétum, pois o predominante é a língua materna, o idaté, principalmente entre as crianças ainda não alfabetizadas e entre os adultos da terceira idade. A maioria da população aprende o tétum como segunda língua quando a criança começa a ser alfabetizada na escola.

A alfabetização é feita no tétum e no português, porém o governo possui uma proposta de projeto de “Alfabetização na língua materna”, no qual já existem algumas escolas com um projeto piloto, mas ainda não se sabe ao certo se este projeto receberá uma aprovação para entrar efetivamente em execução por todo o país.

A análise da vitalidade da língua foi baseada em uma pesquisa formal feita com 20 falantes do idaté que residem tanto em Dili quanto em Laclubar. Foi elaborado um questionário com as seguintes perguntas:

1. Quantas línguas você fala?
2. Qual a língua que você utiliza: Com seus pais? Sua esposa (o)? Seus filhos? Seus irmãos? Seus amigos?
3. Você acha importante, ou não, o uso do seu idioma para ler e escrever?
4. Você acha que seria importante ensinar o idaté nas escolas da sua região?
5. Você acha importante que seus filhos aprendam a falar a sua língua?
6. Você acha que as crianças falam tão bem o idaté quanto os adultos?
7. Qual a língua que você utiliza: em casa, na escola, com o chefe de suco, na igreja e no mercado ?
8. Você possui televisão/ rádio? Com qual frequência você assiste/ ouve? Em qual língua?
9. Você acha que o governo incentiva o uso da sua língua?

Também foram realizadas pesquisas informais com os falantes e outros professores timorenses e foi também observado o uso da língua nas casas, nas ruas, escolas, igreja, administração e espaços públicos.

2.3.1 FATOR 1: Transmissão intergeracional da língua

Este é o fator mais usado para se analisar a vitalidade da língua e também é um dos mais importantes, pois se a língua não está sendo utilizada em casa, ela está seriamente ameaçada.

Apesar da transmissão intergeracional ser uma escolha dos pais, existem diversos fatores que podem influenciar esta decisão. Destacamos: o acesso à educação, bens de consumo, influência da mídia e do governo e prestígio linguístico.

Dentro de uma comunidade multilíngue, cada língua irá possuir um “status” e poderá ser mais apreciada ou não pelo povo. No Timor Leste, a língua de união dos diversos povos é o tétum, por isso para se comunicar com alguém de um distrito

diferente é preciso ter o domínio desta língua. Por ser uma língua oficial, todo o cidadão timorense tem o direito de aprendê-la nas escolas. Porém, a língua portuguesa, a segunda língua oficial, é uma língua de prestígio para a comunidade, pois quem é fluente nesta língua, poderá conseguir um melhor emprego, um cargo público, bolsas de estudo no exterior, dentre outros benefícios.

Este status da língua portuguesa e a necessidade de aprendê-la faz com que as pessoas se esforcem para obter uma fluência e um bom domínio das estruturas linguísticas e também faz com que os pais incentivem a sua aprendizagem por parte dos seus filhos. Foi observado que em Laclubar é muito comum encontrarmos jovens que estão cursando o ensino médio e que só querem falar com estrangeiros brasileiros ou portugueses utilizando a língua portuguesa.

Em Laclubar tanto o tétum quanto o português só são aprendidos pelas crianças a partir dos 7 anos de idade, quando elas começam a ser alfabetizadas nas escolas. Até os 7 anos as crianças só falam a sua língua materna, o idaté, e compreendem muito pouco do tétum, pois os seus pais só falam o idaté em casa.

Desde a geração dos mais velhos até os mais novos, o uso do idaté é predominante, sendo que muitos idosos são praticamente monolíngues. Desta maneira, todas as gerações falam a língua sem nenhuma interrupção.

Em algumas entrevistas foi observado que os pais se preocupam em transmitir o idaté para os filhos, pois é a língua do seu povo, a língua que os caracteriza culturalmente. No Timor-Leste é muito comum ouvir frases como: “ele é da família mambae; ele é idaté como eu”.

Dois outros fatores importantes para considerarmos sobre a transmissão intergeracional são o local de residência e o casamento. Se um falante do idaté se casa com alguém que fala outra língua, mas o casal mora em Laclubar, o mais comum é que o idaté seja aprendido pelo não falante e que os pais se comuniquem com os filhos em idaté. Porém, se há um casamento intercultural e o casal vai morar em outro ambiente que não fale o idaté, o mais comum é que a língua de transmissão seja o tétum, ou a língua do homem.

Em uma entrevista, um homem de Laclubar é casado com uma mulher de outro distrito e eles moram na capital Dili e a língua que eles usam em casa é o tétum. Ao ser indagado o por quê, ele explicou que em Dili nem a esposa, nem os filhos precisariam usar o idaté, e se um dia os filhos quisessem aprender, bastaria que eles fossem morar em Laclubar.

Baseado nas entrevistas e observações feitas, não há dúvidas de que em Laclubar o idaté é predominante em diversos domínios de uso, como nas casas, nas ruas, nos eventos sociais e até mesmo nas escolas em conversas informais não havendo uma interrupção da transmissão intergeracional. Porém, as línguas oficiais exercem uma influência muito grande e ocupam domínios importantes, como as escolas, a igreja e a mídia.

No ranking elaborado pela UNESCO (2003) a nota 5 é dividida em 5 e em 5-. Ambas refletem a não interrupção da transmissão intergeracional, porém (5-), coloca em evidência que a estabilidade das línguas minoritárias pode ser ameaçada pelas línguas majoritárias.

Degree of Endangerment	Grade	Speaker Population
<i>safe</i>	5	The language is used by all ages, from children up.
<i>stable yet threatened</i>	5-	The language is spoken in most contexts by all generations with unbroken intergenerational transmission, yet multilingualism in the native language and one or more dominant language(s) has usurped certain important communication contexts.
<i>unsafe</i>	4	The language is used by some children in all domains; it is used by all children in limited domains.
<i>definitively endangered</i>	3	The language is used mostly by the parental generation and up.
<i>severely endangered</i>	2	The language is used mostly by the grandparental generation and up.
<i>critically endangered</i>	1	The language is used mostly by very few speakers, of great-grandparental generation.
<i>extinct</i>	0	There exists no speaker.

Tabela 4. Fator 1: Transmissão intergeracional da língua

De acordo com as pesquisas realizadas podemos classificar o primeiro fator proposto pela UNESCO como *stable yet threatened* (5-).

2.3.2 FATOR 2: Número absoluto de falantes

Apesar desse fator refletir um número absoluto, a sua definição não é muito simples, pois os dados encontrados referem-se somente aos falantes de idaté que nascem e vivem em Laclubar, não sendo contabilizados os de Cribas e Soibada.

Para Laclubar, no site *Ethnologue*, com base no censo de 2010, o número estimado de falantes foi de 13.500. Nos dados fornecidos pela administração do subdistrito em 2013, a população era estimada em 13.872.

A língua idaté é uma das línguas minoritárias do país e apesar do número de falantes não ser tão pequeno se comparado com outras línguas, é preciso uma atenção especial, pois as línguas majoritárias são muito influentes.

2.3.3 FATOR 3: Proporção dos falantes com o total da população

A partir dos dados do Censo foi possível verificar que do total da população da comunidade idaté, cerca de 98% fala esta língua como L1.

2.3.4 FATOR 4: Tendências nos domínios de linguagem existentes

Em uma comunidade multilíngue é preciso observar todos os domínios de uso das diversas línguas e qual a função e o prestígio de cada uma delas.

Como já foi dito anteriormente, o uso do idaté é predominante na sua comunidade em Laclubar e nas aldeias em que ele também é língua materna, como em Cribas e Soibada. Porém, algo muito importante que foi observado é que a escolha da língua a ser utilizada pelo falante depende da língua que o interlocutor domina. Se um falante do idaté encontra outro falante do idaté, a língua de comunicação também será o idaté, mesmo que eles estejam fora de Laclubar. O tétum, ou muito raramente outras línguas, só serão utilizadas quando o interlocutor não fala o idaté.

Observamos também que os domínios de uso estão bem definidos na comunidade, como pode ser observado na tabela abaixo:

DOMÍNIO	LÍNGUA UTILIZADA
Casa	Idaté
Escola	português, tétum e com menos frequência o idaté e bahasa.
Igreja	Tétum
Mercado	Idaté
Televisão	tétum, bahasa indonésio e português
Administração	tétum, idaté (em conversas informais)

Tabela 5. Domínios de uso do idaté.

As línguas oficiais e o idaté apresentam funções diferentes. Enquanto as primeiras são as línguas dos domínios mais formais e institucionais, o idaté é utilizado na vida cotidiana do povo em conversas informais e entre os membros da mesma comunidade linguística. Foi verificado que, em ambientes como a igreja e a escola, os

dirigentes e professores utilizam o tétum, mas as pessoas que participam da missa ou os alunos entre si se comunicam com a língua materna e muitas vezes o professor também recorre a esta língua para deixar a explicação mais clara.

Observamos que o domínio mais importante da língua está preservado, a casa, pois é neste domínio que ocorre a transmissão intergeracional.

Este uso da língua com diferentes funções é chamado de diglossia. A diglossia pode tanto se referir a línguas que possuem diferenças de registros, como alto e baixo, como também aos países multilíngues onde diferentes línguas são utilizadas pelos falantes em funções sociais distintas.

Em países multilíngues dificilmente as línguas minoritárias poderão concorrer com as majoritárias, pois estas são mais fortes e devido ao prestígio e status, elas são mantidas pelas sociedades e com o tempo as menores sofrem o risco de desaparecer. Por isso, a diglossia se torna fundamental, pois com os domínios e funções bem definidos não haverá uma competição direta e as línguas minoritárias poderão sobreviver.

De acordo com a proposta da Unesco (2003) no fator quatro podemos classificar o idaté, como “multilingual parity (4)”, pois as línguas dominantes (tétum e o português) são utilizadas nos domínios oficiais e o idaté como uma língua de socialização gerando a diglossia.

Degree of Endangerment	Grade	Domains and Functions
<i>universal use</i>	5	The language is used in all domains and for all functions
<i>multilingual parity</i>	4	Two or more languages may be used in most social domains and for most functions.
<i>dwindling domains</i>	3	The language is in home domains and for many functions, but the dominant language begins to penetrate even home domains.
<i>limited or formal domains</i>	2	The language is used in limited social domains and for several functions
<i>highly limited domains</i>	1	The language is used only in a very restricted domains and for a very few functions
<i>extinct</i>	0	The language is not used in any domain and for any function.

Tabela 6. FATOR 4: Tendências nos domínios de linguagem existentes.

2.3.5 FATOR 5: Respostas para os novos domínios e Mídia

O Timor Leste conquistou a sua independência em 1999 e o reconhecimento por parte da ONU (Organização das Nações Unidas) somente em 2002, por isso é um país que está buscando o seu desenvolvimento em todas as áreas e a capacitação profissional dos timorenses.

Com o desenvolvimento do país, a televisão, o rádio, a internet e a educação vão se tornando cada vez mais acessíveis a toda a população. Em Orlalan, a capital de Laclubar, muitas casas possuem televisão e também há um centro de acesso à internet. Em alguns outros sucos mais afastados a televisão e o rádio também estão presentes, e com o avanço da tecnologia nos celulares muitos jovens possuem acesso à internet.

Quando pensamos em novos domínios de mídia precisamos considerar o tempo da ocupação indonésia que durou 35 anos e a influência que esta nação ainda exerce no Timor. Na televisão, a maioria dos canais são no indonésio, bem como alguns programas na rádio, alguns cursos nas universidades, nos livros e também é uma das línguas de transmissão de filmes no cinema do país.

Tanto o bahasa quanto o inglês são consideradas pela constituição como línguas de trabalho, pois são usadas na administração pública e são as que mais predominam na mídia, como pode ser verificado no artigo 159. Nas entrevistas feitas, ao se perguntar em qual língua eles assistiam a televisão, muitos respondiam: em bahasa.

Artigo 159.º

(Línguas de trabalho)

A língua indonesia e a inglesa são línguas de trabalho em uso na administração pública

a par das línguas oficiais, enquanto tal se mostrar necessário.

As duas línguas oficiais, o tétum e o português, também estão presentes. Há um canal de Portugal na televisão aberta e um canal nacional em que são utilizadas estas duas línguas.

O idaté não está presente em nenhum novo domínio e pelo fato de ser uma língua minoritária no país é pouco provável que ele seja utilizado na televisão, rádio, internet e nas universidades. Para o futuro há uma possibilidade de que exista a introdução das línguas maternas nas escolas no processo de alfabetização, mas até o momento isso ainda não ocorre.

Portanto de acordo com a escala da UNESCO (2003) podemos considerar o idaté como uma língua inativa (0) para os novos domínios e mídia.

Degree of Endangerment	Grade	New Domains and Media Accepted by the Endangered Language
<i>dynamic</i>	5	The language is used in all new domains.
<i>robust/active</i>	4	The language is used in most new domains.
<i>receptive</i>	3	The language is used in many domains.
<i>coping</i>	2	The language is used in some new domains.
<i>minimal</i>	1	The language is used only in a few new domains.
<i>inactive</i>	0	The language is not used in any new domains.

Tabela 7. FATOR 5: Respostas para os novos domínios e Mídia

2.3.6 FATOR 6: Materiais para a educação e literatura

O idaté ainda não possui uma ortografia oficial. Além desta pesquisa, foram encontrados somente dois outros trabalhos específicos sobre esta língua. Um deles foi uma gramática e o outro, um dicionário idaté-inglês. Ambos os trabalhos servem como

documentação, mas não possuem uma análise mais elaborada de acordo com as teorias linguísticas.

De acordo com a Unesco (2003), a educação é fundamental para a vitalidade da língua. O governo do Timor Leste elaborou um projeto intitulado “Educação na língua materna” que prevê que todas as crianças sejam alfabetizadas primeiramente na sua língua materna e posteriormente sejam introduzidos o tétum e o português.

Nas pesquisas em Laclubar uma das questões mais importantes levantadas pelos membros da comunidade, principalmente os professores, é que as crianças até sete anos só falam o idaté e ao entrarem na escola serão alfabetizadas em tétum. Segundo eles, isso gera uma dificuldade de aprendizagem da criança, pois ela precisa aprender a ler e a escrever em uma língua na qual não é fluente.

Para se ensinar nas escolas é preciso a produção de materiais, como cartilhas de alfabetização, dicionários, livros de histórias e gramáticas tanto para alunos quanto para professores e isso ainda não existe no idaté, pois é uma língua totalmente oral. Como foi observado anteriormente, o idaté é a língua da cultura e dos domínios não formais.

Em muitas entrevistas não foi verificada uma preocupação dos falantes para que a sua língua seja utilizada na escrita, muitos falavam que o idaté é a língua da cultura, da casa, que eles conversam com amigos e familiares e para escrever já possuem o tétum e o português. Esta atitude diante da escrita precisaria ser melhor analisada para se compreender melhor os domínios de uso que os falantes consideram importantes para a sua língua, pois muito mais importante do que possuir materiais disponíveis para educação, é possuir falantes que usem estes materiais no dia a dia.

Portanto, de acordo com a escala proposta por Unesco (2003) a língua idaté ainda não possui uma ortografia disponível para a comunidade (0):

Grade	Accessibility of Written Materials
5	There is an established orthography, literacy tradition with grammars, dictionaries, texts, literature, and everyday media. Writing in the language is used in administration and education.
4	Written materials exist, and at school, children are developing literacy in the language. Writing in the language is not used in administration.
3	Written materials exist and children may be exposed to the written form at school. Literacy is not promoted through print media.
2	Written materials exist, but they may only be useful for some members of the community; and for others, they may have a symbolic significance. Literacy education in the language is not a part of the school curriculum.
1	A practical orthography is known to the community and some material is being written.
0	No orthography available to the community.

Tabela 8: FATOR 6: Materiais para a educação e literatura

2.3.7 FATOR 7: Atitudes linguísticas governamentais, institucionais e políticas, incluindo uso e status oficial.

A língua idaté é reconhecida pelo país como uma das línguas nacionais. O uso dela é defendido pela constituição e o Distrito tem o dever de valorizá-las e preservá-las, como pode ser observado no artigo 13 da constituição do país:

Artigo 13.º

(Línguas oficiais e línguas nacionais)

1. O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor Leste.
2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Distrito.

O tétum é uma das línguas oficiais, por isso, após a independência do país houve a preocupação de investir no desenvolvimento desta língua, para que ela fosse “equipada” e possuísse os materiais necessários para a sua implementação na educação e nos órgãos oficiais. Apesar dos materiais já existentes, ainda existem muitas pesquisas que precisam ser feitas, bem como a produção de novos materiais.

Como pode ser observado na tabela 8 existem outras línguas que possuem um número elevado de falantes. Devido às suas proporções elas acabam ganhando um incentivo maior por parte das autoridades para a implementação do seu uso nas escolas.

LÍNGUAS	NÚMERO DE FALANTES
tétum praça	385.000
Mambae	131.000
macassae	102.000
Baikenó	72.000
tétum térik	63.500
Kemak	62.000
Bunak	55.000
Tocodele	39.500
Fataluko	37.000
Waima	18.400
Nauete	15.000
kairu-midiki	15.000
Idaté	13.850
Galole	13.000
adabe	5.000
Lakalei	3.250
Habun	2.700
Makua	56

Tabela 9 Relação das línguas do Timor Leste e o número de falantes. (Ethnologue)

O incentivo dado ao uso das línguas não dominantes se refere à preservação da cultura no ambiente de socialização e principalmente nas cerimônias e ritos. Porém, não há uma política explícita ou uma ação efetiva para se preservar e documentar estas línguas. Por isso podemos classificar o idaté no fator 7 como uma assimilação passiva das línguas oficiais (3).

Degree of Support	Grade	Official Attitudes toward Language
<i>equal support</i>	5	All languages are protected.
<i>differentiated support</i>	4	Minority languages are protected primarily as the language of the private domains. The use of the language is prestigious.
<i>passive assimilation</i>	3	No explicit policy exists for minority languages; the dominant language prevails in the public domain.
<i>active assimilation</i>	2	Government encourages assimilation to the dominant language. There is no protection for minority languages.
<i>forced assimilation</i>	1	The dominant language is the sole official language, while non-dominant languages are neither recognized nor protected.
<i>prohibition</i>	0	Minority languages are prohibited.

Tabela 10. FATOR 7: Atitudes linguísticas governamentais, institucionais e políticas, incluindo uso e status oficial.

2.3.8 FATOR 8: Atitudes dos membros da comunidade sobre a sua própria língua

A valorização pessoal da sua língua materna é muito importante para a sua sobrevivência. Nas entrevistas realizadas foi observado que o idaté é uma marca da identidade de um povo, pois muitos diziam: “é a nossa cultura”. Essa atitude reflete uma visão positiva sobre a sua língua.

O tempo do estágio não foi suficiente para que se conhecesse mais a cultura e se pudesse verificar quais são as reais atitudes dos falantes. Pois, apesar do idaté ser uma marca da identidade e não existir aparentemente uma rejeição à língua materna, muitos diziam que é preciso que os filhos aprendam o português para poder ter um bom emprego ou entrar na universidade.

Outra questão relevante é que a cultura é de tradição oral. Com isso, ao ser perguntado se a pessoa considerava importante ou não usar a língua na escola ou ter uma ortografia, muitos não sabiam responder e alguns afirmaram que o idaté é para ser falado em casa.

Com a propagação das ideias do programa do governo de educação na língua materna, alguns entrevistados afirmaram que é fundamental serem alfabetizados na sua própria língua, pois isso facilitaria a aprendizagem das crianças. Porém, não é possível discernir se essa resposta refletia uma real opinião pessoal ou foi um discurso difundido pela mídia e pelas autoridades.

Por isso, no fator 8 podemos classificar a língua no nível 4.

Grade	Community Members' Attitudes toward Language
5	<i>All</i> members value their language and wish to see it promoted.
4	<i>Most</i> members support language maintenance.
3	<i>Many</i> members support language maintenance; others are indifferent or may even support language loss.
2	<i>Some</i> members support language maintenance; others are indifferent or may even support language loss.
1	Only <i>a few</i> members support language maintenance; others are indifferent or may even support language loss.
0	<i>No one</i> cares if

Tabela 11: FATOR 8: Atitudes dos membros da comunidade sobre a sua própria língua

2.3.9 FATOR 9: Quantidade e qualidade da documentação

Se uma língua possui uma boa documentação, é possível estudá-la e produzir materiais tanto para serem usados pela comunidade quanto para o desenvolvimento das pesquisas linguísticas.

Existem diversos tipos de documentação que podem ser feitas: gravações áudio-visuais, gravações de listas de palavras, de textos, de contos, lendas, músicas, dentre outros.

Uma boa documentação também deve incluir transcrições dos textos e anotações que sejam relevantes para futuras pesquisas.

O idaté, bem como as demais línguas maternas, ainda não possui uma documentação de qualidade. Como foi dito anteriormente, há uma gramática, um dicionário e o que foi levantado recentemente através da pesquisa de mestrado estão restritos às listas de palavras e alguns textos sem transcrições. Por isso podemos classificar a documentação como inadequada (1).

Nature of Documentation	Grade	Language Documentation
superlative	5	There are comprehensive grammars and dictionaries, extensive texts; constant flow of language materials. Abundant annotated high-quality audio and video recordings exist.
good	4	There are one good grammar and a number of adequate grammars, dictionaries, texts, literature, and occasionally updated everyday media; adequate annotated high-quality audio and video recordings.
fair	3	There may be an adequate grammar or sufficient amount of grammars, dictionaries, and texts, but no everyday media; audio and video recordings may exist in varying quality or degree of annotation.
fragmentary	2	There are some grammatical sketches, word-lists, and texts useful for limited linguistic research but with inadequate coverage. Audio and video recordings may exist in varying quality, with or without any annotation.
inadequate	1	Only a few grammatical sketches, short word-lists, and fragmentary texts. Audio and video recordings do not exist, are of unusable quality, or are completely un-annotated.
undocumented	0	No material exists

Tabela 12: FATOR 9: Quantidade e qualidade da documentação

A partir de todas as análises é possível estabelecer o seguinte quadro com a relação dos 9 fatores analisados:

Fatores	Nível
FATOR 1: Transmissão intergeracional da língua	5-
FATOR 2: Número absoluto de falantes	13.872
FATOR 3: Proporção dos falantes com o total da população	98 %
FATOR 4: Tendências nos domínios de linguagem existentes	4
FATOR 5: Respostas para os novos domínios e Mída (escala)	0
FATOR 6: Materiais para a educação e literatura	0
FATOR 7: Atitudes linguísticas governamentais, institucionais e políticas, incluindo uso e status oficial	3
FATOR 8: Atitudes dos membros da comunidade sobre a sua própria língua	4
FATOR 9: Quantidade e qualidade da documentação	1

Tabela 13. Relação dos fatores de análise da vitalidade da língua idaté.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DAS CONSOANTES

3.1 Introdução

A descrição fonética de uma língua é importante, pois ela é a base para a análise fonológica. Cagliari (1997) afirma que não é possível realizar a segunda sem a primeira. Por isso, o ideal é que inicialmente os dados sejam transcritos para que se tenha uma visão geral dos sons da língua.

O estudo da fonética pode ser subdividido em três grandes áreas de acordo com o ponto de vista de estudo:

1. Fonética articulatória: ponto de vista de estudo baseado na fisiologia;
2. Fonética acústica: ponto de vista de estudo baseado nas propriedades físicas dos sons;
3. Fonética auditiva: ponto de vista de estudo baseado na percepção da fala.

Apesar destas três áreas de estudo serem distintas, para se realizar uma transcrição fonética coerente é necessário considerar todas elas. Portanto, é preciso observar como o falante nativo articula alguns sons, como o ouvinte percebe estes sons e quais são realmente as características físicas deles.

A nossa percepção pode nos enganar, pois ela já é baseada nos sons da língua materna, o que pode prejudicar a distinção dos sons de outra língua. Por isso, realizar uma transcrição somente com base no que se ouve pode gerar um quadro de fones que não corresponde à realidade da língua em uso.

Em um primeiro momento, a transcrição foi baseada na percepção e, posteriormente os dados foram verificados no programa *Praat* para facilitar a distinção de alguns sons que para um falante de português brasileiro pudessem ser ambíguos.

Embora o objetivo deste trabalho não seja analisar os dados considerando todas as características das áreas fonéticas, iremos descrever os fones considerando suas propriedades articulatórias, seus ambientes de ocorrência e a sua representação acústica através do espectro, pois desta maneira obteremos uma representação dos segmentos mais precisa e não somente baseada na percepção individual.

Já a análise fonológica, também chamada do tipo fonêmica, é muito utilizada para a descrição de línguas em que ainda não existe nenhuma descrição do sistema fonético e fonológico. A sua base está no estruturalismo e nos princípios formulados por Pike (1947).

Esta teoria ajuda a fornecer uma visão sobre como a cadeia sonora da fala está organizada, o que é essencial em uma análise descritiva inicial. Seguindo estes conceitos, a partir da análise fonética foi realizada uma lista dos pares suspeitos para verificar a distribuição dos segmentos e a sua contrastividade visando definir quais seriam os fonemas distintivos, com seus respectivos traços, e quais seriam os alofones para se ter um inventário fonológico da língua idaté.

Os traços distintivos foram postulados inicialmente dentro do estruturalismo, por Trubetzkoy (1939) e por Jakobson (1972), e posteriormente foram mais articulados dentro do gerativismo por Chomsky e Halle (1968). A partir desses conceitos é possível entender que cada segmento é formado por um conjunto de traços e que diferentes segmentos podem apresentar traços em comum. Se dois segmentos compartilham um

número significativo de traços semelhantes eles podem representar na língua variações do mesmo som (alofones) ou dois sons que contrastam gramaticalmente (fonemas).

Por isso, para verificar o *status* de cada fone na língua idaté, os segmentos consonantais e vocálicos foram descritos com base nos seus traços e foram elaborados os pares suspeitos para uma análise contrastiva.

A partir das transcrições dos dados foi elaborado um inventário fonético das realizações das consoantes e vogais em idaté. Existem no total 33 segmentos distintos, sendo 19 fones consonantais e 14 vocálicos. Ao analisarmos os contrastes e distribuições complementares destes fones ficamos com um quadro fonológico de 11 consoantes e 5 vogais.

Ao longo dos dois próximos capítulos teremos uma descrição detalhada da relação dos fonemas e seus alofones, juntamente com os processos fonológicos e uma breve caracterização fonética de todos os sons da língua idaté. Inicialmente, será demonstrado o quadro fonético seguido da relação dos pares suspeitos e os contrastes em ambiente idêntico (CAI).

3.2 Quadro fonético das consoantes e vogais

De acordo com o quadro foram identificados 19 fones consonantais e 14 fones vocálicos que podem ser identificados nas tabelas 5 e 6:

	Bilabial	Dental	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d tʰ dʰ	k kʰ	ʔ
Nasal	m		n		
Vibrante múltiplo			r		
Vibrante simples (Tap ou Flap)			ɾ		
Fricativa	β	d	s		h ɦ
Aproximante	w				
Lateral aproximante			l		

Tabela 14: Segmentos consonantais da língua idaté

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i i:		u u:
Média fechada	e e:		o o:
Média aberta	ɛ ɛ:		ɔ ɔ:
Aberta		a a:	

Tabela 15: Segmentos vocálicos do idaté.

3.3 Consoantes: pares suspeitos e contrastes

A partir do quadro fonético foram descritos os traços dos segmentos consonantais e elaborados os seguintes pares suspeitos que podem representar fonemas distintos ou alofones:

[p] [b] diferem pela sonoridade

[b] [m] diferem pelo traço nasal e soante

[b] [β] diferem pelo traço contínuo

[t] [d] diferem pela sonoridade

[t] [n] diferem pelo traço nasal, soante e sonoro

[t] [t̥] diferem pelo traço não explodido

[t] [h] diferem pelo traço contínuo e coronal

[d] [ð] diferem pelo traço contínuo

[d] [n] diferem pelo traço nasal e soante

[d] [r] diferem pelo traço soante e contínuo

[d] [l] diferem pelo traço soante, contínuo e lateral

[s] [t] diferem pelo traço contínuo

[s] [h] diferem pelo traço glote estendida e coronal

[l] [r] diferem pelo traço lateral

[m] [n] diferem pelo traço coronal e labial

[r] [r̥] diferem pelo traço contínuo

[k] [k̥] diferem pelo traço não explodido

[k] [h] diferem pelo traço contínuo e glote estendida

[h] e [ɦ] diferem pela sonoridade

3.3.1 Contrastes

Os contrastes são importantes, pois através desta comparação é possível identificar as unidades fonológicas distintas na língua, ou seja, os fonemas. Através das relações estabelecidas entre os segmentos e seus traços foram encontrados os pares mínimos em contraste em ambiente idêntico (CAI) e análogo (CAA).

Os fones [b] e [m] são foneticamente semelhantes e estão em CAI, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /b/ e /m/:

1. ['b̥a.li] ‘cuidar’	3. [bu:] ‘antepassado’	5. [la.'bu.ruk̚] ‘estragado’
2. ['ma.li] ‘rir’	4. [mu:] ‘banana’	6. [la.'mu.ruk̚] ‘frio’

Os fones [t] e [d] são foneticamente semelhantes e estão em CAI, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /t/ e /d/:

7. ['u.ta] ‘abóbora’	9. [a.'tu.du] ‘mostrar’	11. [ka.'mɔ.t̥k̚] ‘morrer afogado’
8. ['u.da] ‘plantar’	10. [a.'du.du] ‘empurrar’	12. [ka.'mɔ.d̥k̚] ‘amarelo’

Os fones [t] e [n] são foneticamente semelhantes e estão em CAI, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /t/ e /n/:

13. [ti:] ‘ir’	15. ['ha.tu] ‘pedra’	7. ['u.ta] ‘abóbora’
14. [ni:] ‘ele,ela’	16. ['ha.nu] ‘acordar alguém’	17. ['u.na] ‘fazer’

Os fones [t] e [s] são foneticamente semelhantes e estão em CAI, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /t/ e /s/:

18. ['e.ti] ‘apertar’	20. ['u.ti] ‘órgão genital masculino’	22. ['t̥ɛ.lɔɾ] ‘órgão genital masculino, ovos’
19. ['e.si] ‘atar’	21. ['u.si] ‘deixar’	23. ['s̥ɛ.lɔɾ] ‘outros’

Considerando o quadro de fones apresentado em idaté, os fones [t] e [h] apresentam algumas semelhanças fonéticas e estão em CAI, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /t/ e /h/:

24. ['ta.ru] 'apostar'	26. ['tu.ran] 'sentar'	20. ['u.ti] 'órgão genital masculino'
25. ['ha.ru] 'camisa'	27. ['hu.ran] 'espuma'	
		28. ['u.hi] 'batata doce'

Os fones [d] e [n] são foneticamente semelhantes e estão em CAI , por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /d/ e /n/:

29. ['a.da] 'casa'	8. ['u.da] 'plantar'	32. ['da.un] 'agulha'
30. ['a.na] 'atirar a flecha'	31. ['u.na] 'fazer'	33. ['na.un] 'fígado'

Os fones [d] e [r] são foneticamente semelhantes e estão em CAI , por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /d/ e /r/:

8. ['u.da] 'plantar'	35. ['su.di] 'esquentar'	37. ['tu.du] 'chapéu tradicional feito de folhas de palmeira'
34. ['u.ra] 'panela'	36. ['su. ri] 'tirar a roupa'	38. ['tu.ru] 'expulsar'

Os fones [d] e [l] são foneticamente semelhantes e estão em CAI , por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /d/ e /l/:

29. ['a.da] 'casa'	32. ['da.un] 'agulha'	41. [a'da:] 'dizer'
39. ['a.la] 'comprar'	40. ['la.un] 'ponta, cume'	42. [a'la:] 'ninar o bebê'

Os fones [s] e [h] são foneticamente semelhantes e estão em CAI e CAA, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /s/ e /h/:

43. [ˈsɛ.i] ‘ouvir’

21. [ˈu.si] ‘deixar ser livre’

45. [ˈsu.lu] ‘queimar’

44. [ˈhɛ.i] ‘ainda não’

28. [ˈu.hi] ‘batata doce’

46. [ˈhu.la] ‘lua’

Os fones [r] e [l] são foneticamente semelhantes e estão em CAI e CAA, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /r/ e /l/:

47. [ˈsu.lu] ‘queimar’

49. [ˈbe.li] ‘fome’

48. [ˈsu.ru] ‘colher’

50. [ˈbe.ri] ‘puxar. ação praticada por uma pessoa’

23. [ˈsɛ.lɔr] ‘outros’

51. [ˈsɛ.rɔ] ‘chorar’

Os fones [m] e [n] são foneticamente semelhantes e estão em CAI, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /m/ e /n/:

52. [ˈmɔ:r] ‘viver, morar’

54. [ˈmɛ.lukʷ] ‘amargo’

56. [ˈma:] ‘vir’

53. [ˈnɔ:r] ‘coco’

55. [ˈnɛ.lukʷ] ‘crescer desordenadamente (planta)’

57. [ˈna:] ‘língua (parte do corpo humano)’

Os fones [k] e [h] são foneticamente semelhantes e estão em CAI, por isso podem ser considerados como dois fonemas distintos /k/ e /h/:

58. [ˈtɛ.ku] ‘ponto de ebulição do vinho branco’

60. [ˈkɔ.ʔikʷ] ‘cavar um buraco’

62. [ˈki.ʔi] ‘tia’

59. [ˈtɛ.hu] ‘cana’

61. [ˈhɔ.ʔikʷ] ‘picante’

63. [ˈhi.ʔi] ‘não é? (usado em final de frases para confirmar uma informação)’

A partir da realização dos contrastes é possível estabelecer um quadro com 10 fonemas consonantais do idaté:

	Bilabial	Dental	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusiva	b		t d	k	
Nasal	m		n		
Tap			r		
Fricativa			s		h
Aproximante Lateral			l		

Tabela 16. Fonemas consonantais do idaté

3.4 Consoantes: Descrição fonética dos sons e processos fonológicos

3.4.1 Fonema /b/: oclusiva bilabial vozeada

De acordo com a definição de Ladefoged (2001), um som pode ser considerado oclusivo quando o ar no trato vocal é completamente bloqueado em algum ponto. Uma oclusiva pode ser caracterizada acusticamente a partir das medidas de VOT (*Voice Onset Time*) e da duração total. O VOT é o intervalo de tempo entre a soltura da oclusiva e o início do vozeamento. Já a duração total está relacionada aos três estágios de articulação da oclusiva: fechamento, oclusão e soltura:

[b] oclusiva bilabial vozeada ocorre em posição inicial ou intervocálica:

64. ['bi.bu] 'carneiro'

65. ['be.ʔu] ‘travesso’

66. ['bɔ.so] ‘mentir’

Como foi explicitado anteriormente, nesta pesquisa não serão realizadas as medidas que caracterizam acusticamente os segmentos, mas a partir do exposto, verifica-se na *Figura 3* a oclusiva [b]. Observa-se a vibração das pregas vocais, que se torna visível na barra de vozeamento e também há o VOT. Pelo fato de ser um som vozeado, observamos que o vozeamento começa antes da soltura da oclusiva, tendo portanto um VOT negativo:

Figura .3 Espectrograma de [b] em ['be.tuk'] ‘bambu’, janela de 5.000 Hz

Foi verificado através dos contrastes que /b/ é um fonema no idaté, porém foneticamente também ocorre a oclusiva bilabial não vozeada:

[p] oclusiva bilabial não vozeada ocorre em posição inicial de palavra e com menos frequência em posição intervocálica:

67. [pa.'ði:n] 'calmo'

68. ['po.ʔur] 'gordo'

69. ['lɛ.pas] 'lama'

É possível observar o espectro na *Figura 4* e verificar que este som é realmente uma oclusiva por não existir ruído na sua produção e também pela presença do VOT. Pelo fato de ser um som não vozeado, observamos que o vozeamento só começa no momento da soltura da oclusiva, tendo portanto um VOT próximo de zero:

Figura 4. Espectrograma de [p] em ['pe.tuk'] 'bambu', janela de 5.000 hz

Como foi observado nos exemplos estes dois sons ocorrem no mesmo ambiente, porém não estão em contraste e nem podem estar em distribuição complementar. Com os dados levantados nos 4 sucos de Laclubar foi constatado que independente do suco do falante a variação entre vozeada /b/ e não vozeada [p] ocorre e alguns fatores como escolaridade e faixa etária são significativos para se compreender o funcionamento destes sons dentro do sistema.

A oclusiva vozeada /b/ é realizada por todos os falantes, porém a não vozeada [p] é realizada com grande frequência pelos mais velhos e por alguns jovens. Quanto menos escolarizado o informante era mais ele realizava a oclusiva não vozeada. Foi observado também através da pesquisa de campo que esta variação parece ser estigmatizada pelos falantes. Em muitas gravações há risos de algumas pessoas quando o informante realiza [p] e muitos diziam: “professora ele falou tudo errado, depois eu corrijo” e a correção que eles faziam era trocando [p] por [b].

Em futuras pesquisas esta relação entre vozeamento, escolaridade e faixa etária poderiam ser melhor estudadas com o objetivo de verificar o porquê destas mudanças.

Desta maneira, [p] pode ser considerado um alofone em variação livre de /b/ em que a variação é condicionada ao contexto sociolinguístico:

70. [p^he.ar] ~ [b^he.ar] ‘doce’

71. [p^hutin] ~ [b^hutin] ‘branco’

69. [l^he.pas] ~ [l^he.bas] ‘lama’

O fonema /b/ em posição intervocálica também apresenta um outro alofone em variação livre: a fricativa bilabial vozeada [β]:

72. [i.βar] ‘boca’

69. [l^he. βas] ‘lama’

73. [so.βu] ‘destruir, limpar’

Nas fricativas a corrente de ar é obstruída parcialmente gerando uma turbulência produzindo um ruído, que pode ser observado nos espectogramas pela dispersão da

energia. Estes sons também podem possuir formantes, pois no trato vocal são formados tubos. Quanto maior for o tubo frontal menores serão as frequências.

Nas fricativas bilabiais como não há nenhum trato vocal a frente dos lábios, não é possível calcular os formantes. Na *Figura. 5* podemos observar o espectrograma de [β] e verificar a dispersão da energia:

Figura 5. Espectrograma de [β] em [ˈlɛ.βas] 'lama'. Janela de 5.000 Hz.

É possível observar que a lenição é um processo comum em muitas línguas do mundo, e em idaté temos uma oclusiva que se torna uma fricativa entre vogais mantendo o mesmo ponto de articulação.

Observamos que em posição intervocálica é possível ocorrer a variação tanto de [p] quanto de [β]:

69. [ˈlɛ.bas] ~ [ˈlɛ.βas] ~ [ˈlɛ.pas] 'lama'

Desta maneira temos a seguinte distribuição:

/b/ → [β] ~ [b] ~ [p] / V_V

[b] ~ [p] / # ____

3.4.2 Fonema /t/: oclusiva alveolar não vozeada

O fonema /t/ ocorre em posição inicial de sílaba:

74. [a.'tu:n] 'grande'

75. [to.'to.ik'] 'rápido'

76. [ti.'ke.tu] 'quebrar'

Na *Figura 6* observamos o espectrograma de [t] e verificamos que nas oclusivas não vozeadas, o vozeamento começa no momento da soltura, possuindo desta maneira, um VOT próximo de zero:

Figura 6. Espectrograma de [t] em ['be.tuk'] 'bambu'. Janela 5.000 hz

O fonema /t/ apresenta um alofone em distribuição complementar, a oclusiva alveolar desvozeada não explodida [t̚], pois /t/ ocorre em posição inicial de sílaba e [t̚] só ocorre como coda no final da palavra. Na distribuição complementar, os dois fones similares ocorrem em contextos distintos mutuamente exclusivos. Geralmente a ocorrência desses fones está relacionada ao ambiente e são maneiras diferentes de realizar a mesma unidade fonológica denominadas na linguística de alofones.

77. [ru:t̚] 'grama'

78. [a.'ho.it̚] 'rápido'

79. ['u.rat̚] 'veia'

Na oclusiva [t̚] observamos que não ocorre a fase da soltura. Na figura 7 temos um exemplo da oclusiva não explodida e é possível observar que é difícil identificar este som somente pelo espectrograma ou pela percepção. Por isso, para caracterizar este tipo de som foi também considerada a intuição do falante em testes escritos, pois eles distinguiram quando havia a existência de uma consoante final ou não em algumas palavras.

Figura 7. Espectrograma de [t̚] em [hi.lat̚] 'arma'. Janela de 5.000 Hz

Desta maneira, temos a seguinte distribuição:

/t/ **→** [t̚] / ____#

[t] / n.d.a

3.4.3 Fonema /d/: oclusiva alveolar vozeada

O fonema /d/ ocorre em posição inicial de palavra e intervocálica:

80. [ˈdɛ.ka] ‘cavar’

81. [ˈdɔ.ʔur] ‘fechar’

82. [ˈo.di] ‘dirigir, levar’

Na *Figura. 8* temos o espectrograma da oclusiva [d] com a barra de vozeamento e ao formato de onda característico das oclusivas vozeadas:

Figura.8 Espectrograma de [d] em [ˈka.sɐ] ‘casa’. Janela de 5.000 Hz

O fonema /d/ possui a fricativa alveolar vozeada [ð] como alofone em variação

livre entre vogais:

10. [a.ˈðu.ðu] ‘empurrar’

8. [ˈu.ða] ‘plantar’

67. [ba.ˈðin] ‘calmo’

Na *Figura 9* podemos observar o espectrograma de [ð]:

Figura 9. Espectrograma de [ð] em [ˈmi.ðaɾ] ‘casa’. Janela de 5.000 Hz

De maneira semelhante ao que ocorre com /b/, a lenição também ocorre com /d/, sendo que entre vogais tanto /d/ quanto [ð] podem ocorrer, como pode ser verificado nos exemplos abaixo:

82. [ˈodi] ~ [ˈoði] ‘levar’

Em algumas gravações foi observado que /t/ e /d/ variam em posição inicial de palavra. Esta variação é bem menos frequente que a de /b/ e [p], pois ela só ocorreu em pessoas mais velhas, acima de 40 anos e geralmente com pouca escolaridade.

Muitas vezes o mesmo falante ao repetir 3 vezes a mesma palavra alternava a sua produção entre vozeada e não vozeada.

Na análise dos pares mínimos foi verificado que estes fonemas (/t/ e /d/) não apresentam contraste em posição inicial de palavra, pois o contraste é neutralizado nesta posição.

A neutralização ocorre porque entre vogais é possível estabelecer pares mínimos, como em 72 e 73, porém em posição inicial o contraste é neutralizado, podendo ocorrer tanto /t/ quanto /d/ sem alterar o significado da palavra, como em 142:

72. ['u.ta] 'abóbora'

73. ['u.da] 'plantar'

81. ['do.ʔu] ~ ['to.ʔu] 'fechar'

Desta maneira, temos a seguinte distribuição:

/d/ ➡ [ð] ~ [d] / V__V

/t/ ~ /d/ / # __

3.4.4 Fonema /k/: oclusiva velar não vozeada

A oclusiva velar não vozeada /k/ ocorre em posição inicial de sílaba:

83. [kar.'lu.ne] 'almofada'

84. ['ma.kas] 'torrado'

85. ['ka.ir] 'anzol'

Na *Figura 10* podemos observar que oclusiva [k], de maneira semelhante a [t], não há vozeamento:

Figura 10. Espectrograma de [k] em [la.'ke.ru] 'chuchu'. Janela de 5.000 Hz.

De maneira semelhante com que ocorre com /t/, o fonema /k/ apresenta o alofone [k̚] em posição final de palavra:

86. ['lu.rik̚] 'osso'

87. ['wa.ʔik̚] 'muito'

88. [ˈla.nukʰ] ‘bêbado’

A oclusiva [kʰ] pode ser observada na *Figura 11*. De maneira semelhante a [tʰ] não ocorre a fase de soltura:

Figura 11. Espectrograma de [kʰ] em [ˈsu.sukʰ] ‘mosquito’. Janela de 5.000 hz

Desta maneira, temos a seguinte distribuição:

/k/ ➡ [kʰ] / ____#
 [k] / n.d.a

Como foi observado em idaté, com exceção de /t/ e /d/, não existe o contraste de sonoridade para as oclusivas, existindo somente os fonemas /b/, /t/, /d/ e /k/. De acordo com os estudos fonéticos e fonológicos (Hayes 1997) há uma relação entre o ponto de articulação entre as obstruintes anteriores e o vozeamento e entre as obstruintes

posteriores e o não vozeamento, pois de acordo com os estudos fonéticos seria muito mais difícil manter o vozeamento de uma oclusiva velar do que de uma bilabial. Desta maneira o mais comum é que entre as oclusivas não vozeadas não se inclua o [p] e entre as vozeadas não se inclua o [g]. Portanto, um sistema com /b/, /t/, /d/ e /k/ apresenta assimetrias foneticamente justificadas, pois [p] e [g] são lacunas comuns nas línguas do mundo.

3.4.5 Fonema /m/ : nasal bilabial vozeada

Os sons nasais são produzidos quando há um bloqueio no trato oral através do abaixamento do véu palatino permitindo que o ar passe para a cavidade nasal (Ladefoged 2001).

O fonema /m/ só ocorre em posição inicial de sílaba e não apresenta nenhum alofone:

89. [su.'ma.lar] 'alma'

54.['me.luk'] 'amargo'

4. [mu:] 'banana'

Segundo Stevens (1998), é difícil definir acusticamente os sons nasais. De maneira geral, estes sons apresentam formantes cujos valores não podem ser mensurados exatamente devido à ação de antiformantes que são formados no trato oral. Pelo fato de existirem formantes, estes sons são semelhantes às vogais, porém como o ar é completamente bloqueado no trato vocal as amplitudes são menores nos sons nasais do que nas vogais (Ladefoged 2001:53).

No espectrograma de /m/ na *Figura 12* verificamos que é possível visualizar os antiformantes através da faixa branca que fica entre os formantes:

Figura 12. Espectrograma de [m] em [mu:] ‘banana’. Janela de 5.000 Hz;

3.4.6 Fonema /n/: nasal alveolar vozeada

Este fonema ocorre em posição inicial e final de sílaba e não apresenta alofones:

90. [ne:] ‘dar’

91. [ˈno.βu] ‘acabar’

92. [ˈtu.βan] ‘pedaço’

Na *Figura 13* observamos a possível região de antiformantes de /n/:

Figura 13. Espectrograma de [n] em [ˈhi.na] ‘mãe’. Janela de 5.000 Hz.

3.4.7 Fonema /r/ : tepe

O tepe é produzido quando o articulador ativo toca levemente no articulador passivo gerando uma rápida obstrução da passagem do ar no trato vocal (Silva 2012):

O /r/ ocorre como ataque em meio de palavra e como coda:

93. ['ba.er] 'barriga'

71. ['se.ro] 'chorar'

94. ['i.ar] 'prima'

Na *Figura 14* podemos observar o espectrograma de [r]:

Figura 14. Espectrograma de [r] em ['u.rus] 'pimenta'. Janela de 5.000 Hz

O tepe está em distribuição complementar com a vibrante múltipla [r], pois esta só ocorre como ataque em início de palavra, como pode ser verificado nos exemplos:

95. [ri:s] 'asa'

96. ['ri.fun] 'pesado'

97. ['ra.ʔes] 'magro'

A vibrante múltipla é produzida quando há um movimento rápido entre os dois articuladores causando uma sequência rápida de oclusões (Silva 2012). Na *Figura 15* podemos observar o espectrograma de [r]:

Figura 15. Espectrograma de [r] em [ˈʃe.ɾa] ‘chegar’. Janela de 5.000 Hz

Desta maneira temos:

/r/ ➡ [r] / ____#

[r] / n.d.a

3.4.8 Fonema /s/: fricativa alveolar não vozeada

A fricativa [s] ocorre em posição de ataque e coda, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

71. [ˈʃe.ɾo] ‘chorar’

98. [ka.ˈβi.sən] ‘silêncio’

99. ['u.las] 'vento'

A fricativa [s] não apresenta variação alofônica e devido ao pequeno comprimento do tubo (da arcada alveolar até os dentes) apresenta uma frequência elevada. Na palavra [la.'ha.sar] 'formiga' o [s] apresenta um F1 em torno de 3360 Hz (figura 16). Na Fig. 17 observamos que não há barra de vozeamento, pelo fato de [s] ser não vozeado, há uma maior concentração de energia nas frequências mais altas:

Figura 16. Espectro de [s] em [la.'ha.sar] 'formiga'. A flecha indica o F1

Na *Figura 17* podemos observar o espectrograma de [s]:

Figura 17. Espectrograma de [s] em ['su.suk'] 'mosquito'. Janela de 5.000 hz

3.4.9 Fonema /h/: fricativa glotal não vozeada

Esta fricativa ocorre como ataque e entre vogais apresenta uma variação alofônica tornando-se vozeada [ɦ], como pode ser observado nos exemplos abaixo e no espectrograma na Figura 18:

28. [ˈu.fi] ‘batata doce’

100. [ˈhu.naɾ] ‘limão’

101. [ˈhe.lin] ‘preço’

Figura 18. Espectrograma de /h/ e [ɦ] em [ˈha.fian] ‘voz’. Janela 5.000 hz

Na *Figura 18*, é possível fazer a distinção entre as fricativas glotais em posição inicial de palavra e entre vogais e verificar que na segunda posição há o vozeamento da fricativa devido a influência das vogais adjacentes.

Desta maneira as fricativas /h/ e [ɦ] estão em distribuição complementar, pois [ɦ] só ocorre entre vogais. Os sons glotais não envolvem nenhuma articulação específica da língua ou dos lábios e quando eles estão entre duas vogais a vibração das pregas vocais pode ser contínua.

A partir dos dados é possível formular a seguinte regra:

/h/ → [h̥] / V_V
[h] / n.d.a

3.4.10 Fonema /l/: aproximante lateral vozeada

Um som lateral é produzido quando há uma obstrução na linha central do trato vocal e o ar passa sobre um ou ambos os lados da língua.

A aproximante lateral ocorre como ataque de sílaba e não apresenta variação alofônica:

102. [le:s] ‘rasgar’

103. [la.'li.ar] ‘telhado’

39. [ˈa.la] ‘comprar’

As consoantes laterais são acusticamente semelhantes às nasais, pois ambas possuem antiformantes. Nas laterais eles são formados pela cavidade supralingual e podem estar localizados entre F2 e F3, como pode ser verificado no espectro da *Figura 19*:

Figura 19. Espectro em banda larga de [l] em [su. 'ma.lar]

Figura 20. Espectrograma de [l] em [lulu] 'enrolar'. Janela de 5.000 Hz.

3.5 Glotalização

Stenzel (2007) e Stenzel e Demolin (2012), em uma análise da glotalização nas línguas Kotiria e Wa'ikhana demonstram que a glotalização pode ser considerada como um suprasegmento que possui a função de criar contrastes fonológicos nas línguas demarcando as fronteiras silábicas dos morfemas de raiz.

Apesar de auditivamente se identificar o som glotal como uma realização efetiva de oclusiva glotal, foneticamente este som pode ser produzido de diversas maneiras.

Na *Figura 21* temos uma oclusiva glotal realizada com o fechamento total da glote entre duas vogais altas distintas. Esse tipo de realização glotal é a mais rara nos dados do idaté.

Figura 21. Espectrograma de [ʔ] em [ˈhi.ʔu] 'faca', janela de 5.000 Hz

Já na *Figura 22* observamos uma realização fonética distinta entre duas vogais também diferentes em que parece ocorrer uma transição laringal, sendo a primeira vogal laringalizada e a segunda modal.

Figura 22. Espectrograma de [ʔ] em [la.ʔe.ru] 'faca', janela de 5.000 Hz

Na *Figura 23* temos duas vogais idênticas e entre elas ocorre uma transição laringalizada. Há uma queda e depois um aumento da amplitude do vozeamento, onde os formantes das vogais parecem se manter. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996) em algumas línguas como o Gimi na Papua Nova Guiné na posição intervocálica a energia da oclusiva é diminuída e pode ser interpretada como um aproximante glotal laringalizado representado pelo símbolo (*).

Figura 23. Espectrograma de [ʔ] em ['ki.ʔi] 'tia', janela de 5.000 Hz

Na *Figura 24* observamos que também ocorre uma transição laringal que pode ser interpretada como uma fricativa glotal vozeada [ɦ].

Figura 24. Espectrograma de [ʰ] em [ʰi.ɦikʰ] 'tia', janela de 5.000 Hz

Outra realização também possível em idaté é uma transição entre vogais modais e laringalizadas entre vogais idênticas. A impressão auditiva é que há uma interrupção entre as duas vogais, porém no espectrograma verificamos uma pequena diminuição da amplitude na transição destas duas vogais idênticas:

Figura 25. Espectrograma de [ʔ] em [a.i.'le.ʔekʰ], janela de 5.000 Hz

Como pode ser observado, entre vogais iguais podem ocorrer duas realizações fonéticas diferentes para a [ʔ], assim como entre duas vogais diferentes. Um mesmo falante realizando três repetições da mesma palavra pode também realizar cada uma delas de maneira distinta.

De maneira semelhante ao que ocorre nas línguas Kotiria e Wa'ikhana o idaté parece possuir o suprasegmento glotal que é aplicado ao morfema de raiz.

A glotalização ocorre frequentemente entre vogais, como ataque de sílaba:

104. ['ki.ʔi] 'tia' CV.CV

105. ['su.ʔar] 'falar' CV.CVC

106. [la.'ʔe.han] 'facão' CV. CV. CVC

Observamos que a glotal é um segmento inserido por epêntese em ataque de sílabas sem ataque que possui como realização fonética um segmento, como a oclusiva glotal, ou um traço com as características citadas anteriormente. A glotal é um segmento demarcativo e não um fonema do sistema, desta maneira ela pode ocorrer entre duas vogais funcionando como o ataque da sílaba mantendo a estrutura mais frequente CV, ou transformando VC em CVC, visto que a estrutura VC parece não ser um padrão permitido no idaté, como será visto posteriormente:

107. ['mu. ʔa] 'nadar' CV.V → CV.CV

97. ['ra.ʔes] 'magro' VC → CVC

Com a pesquisa de campo foi verificado também que quando uma palavra inicia-se por vogal, a glotalização também ocorre marcando o ataque da sílaba. Isso pode ser verificado com a anexação de prefixos, como em:

108. [ʔa.ʔu ʔu-^hkasek] ‘eu quero’

Fonologicamente esta frase poderia ser transcrita, como

/a.u u-^hkasek/

O símbolo da oclusiva glotal [ʔ] foi utilizado para se referir a todas as ocorrências de uma parada glotal entre vogais, e por ser previsível o seu uso diante de vogais em início de palavras, não será utilizado nenhum símbolo fonético.

3.6 Quadro de fonemas e alofones consonantais em idaté

A partir dos pares mínimos, o quadro fonológico foi elaborado contendo 10 fonemas consonantais. A relação entre os fonemas e seus alofones pode ser vista na tabela abaixo:

Relação dos fonemas e seus alofones consonantais	
/b/	<p>→ [β] ~ [b] ~ [p] / V_V</p> <p>[b] ~ [p] / # ____</p>
/t/	<p>→ [tʰ] / ____#</p> <p>[t] / n.d.a</p>
/d/	<p>→ [ð] ~ [d] / V_V</p> <p>/t/ ~ /d/ / # ____</p>
/k/	<p>→ [kʰ] / ____#</p> <p>[k] / n.d.a</p>
/r/	<p>→ [r] / #____</p> <p>[r] / n.d.a</p>
/h/	<p>→ [h] / V_V</p> <p>[h] / n.d.a</p>
/l/	
/m/	
/n/	
/s/	

Tabela 17. Relação dos fonemas e alofones consonantais da língua idaté.

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DAS VOGAIS

De acordo com o quadro foram identificados 14 fones vocálicos que podem ser identificados na *Tabela 18*:

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i i:		u u:
Média fechada	e e:		o o:
Média aberta	ɛ ɛ:		ɔ ɔ:
Aberta		a a:	

Tabela 18. Segmentos vocálicos do idaté.

De maneira semelhante ao que foi feito com as consoantes, as vogais foram descritas com os traços distintivos e a partir da semelhança entre eles foram formados pares suspeitos para uma análise de possíveis fonemas e alofones.

De acordo com o quadro fonético exposto foram identificados 14 fones vocálicos e elaborados os seguintes pares:

[i] e [i:] diferem pela quantidade

[i] e [e] diferem em abertura

[e] e [e:] diferem pela quantidade

[e] e [ɛ] diferem em abertura

[ɛ] e [a] diferem em abertura e a posição horizontal da língua

[a] e [a:] diferem pela quantidade

[a] e [ɔ] diferem pela posição horizontal da língua e arredondamento

[u] e [u:] diferem pela quantidade

[u] e [o] diferem pela abertura

[o] e [o:] diferem pela quantidade

[o] e [ɔ] diferem pela abertura

[ɔ] e [ɔ:] diferem pela quantidade

4.1 Contrastes

Através das relações estabelecidas entre os segmentos vocálicos e seus traços foram encontrados os pares mínimos em contraste em ambiente idêntico (CAI) e contraste em ambiente análogo (CAA) :

Os fones [i] e [e] estão em CAI por isso podem ser considerados fonemas distintos:

85. ['ka.ɪr] 'anzol'

94. ['i.ar] 'prima'

111. [na-.ʰo.de] 'fervendo'

109. ['ka.eɾ] 'direita'

110. ['e.ar] 'matar'

112. [na-.ʰo.di] 'adotar'

Os fones [o] e [u] estão em CAI e por isso podem ser considerados fonemas distintos:

113. ['sa.βu] 'bruxo'

115. ['u.rus] 'pimenta'

105. ['su.ʔar] 'falar'

114. ['sa.βo] 'limpar'

116. ['o.rus] 'tirar as folhas'

117. ['so.ʔar] 'calçar,
embanhar'

Os fones [a] e [o] estão em CAI e por isso podem ser considerados fonemas distintos:

118. [ˈsɛ.ra] ‘coar’

119. [ˈla.βu] ‘cesto

113. [ˈsa.βu] ‘bruxo’

71. [ˈsɛ.ro] ‘chorar’

tradicional’

73. [ˈso.βu] ‘destruir’

91. [ˈlo.βu] ‘acabar’

A partir da realização dos contrastes e das distribuições complementares é possível estabelecer um quadro com 5 fonemas vocálicos do idaté:

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i		u
Média fechada	e		o
Aberta		a	

Tabela 19. Fonemas vocálicos do idaté.

4.2 Vogais: Descrição fonética dos sons e processos fonológicos

4.2.1 Fonema /i/: vogal anterior fechada não arredondada

O fonema /i/ ocorre tanto em sílabas tônicas quanto átonas e não apresenta nenhuma variação alofônica:

72. [ˈi.βar] ‘boca’

120. [ˈhi.tar] ‘cicatriz’

121. [ˈhi.ni] ‘semente’

Esta vogal sempre ocorre como núcleo de sílaba, diferente do /u/ que pode ocorrer na margem. Desta maneira, em sequências de vogais no início de palavras, as duas vogais nunca permanecem na mesma sílaba:

122. [i.'a:n] 'melhor, bonito'

94. ['i.ar] 'prima'

4.2.2 Fonema /e/ : vogal anterior média fechada não arredondada

O fonema /e/ ocorre tanto em sílabas tônicas quanto átonas:

123. [e.'ni.a] 'aqui'

124. ['hɔ.de] 'bater'

125. ['lɛ.fio] 'celeiro'

A vogal /e/ pode apresentar uma variação alofônica, em que a vogal é pronunciada com uma abertura maior, sendo definida como uma média aberta [ɛ]. Há uma hipótese de que exista uma harmonia vocálica em idaté, pois tanto a vogal [ɛ] como também [ɔ] só são realizadas quando ocorrem vogais médias ou abertas, como /a/, /e/, /o/ na sílaba adjacente . Em posição acentual a vogal seria pronunciada com uma maior abertura e depois ocorreria o espalhamento para as outras vogais da palavra justificando a ocorrência de [ɛ] e [ɔ] também em sílabas átonas.

Desta maneira, as vogais médias abertas ocorrem mais frequentemente em posição tônica, como em 184, 185 e 186, porém elas também podem ocorrer em posição átona, quando na sílaba tônica ocorre também uma vogal média aberta, como em 185:

126. ['ɛ.ta] 'quem'

127. ['lɔ.ʔɛ] 'abrir'

128. ['mɛ.ran] 'vermelho'

4.2.3 Fonema /o/ : vogal posterior média fechada arredondada

A vogal /o/ ocorre tanto em sílabas tônicas quanto átonas, e de maneira semelhante ao que ocorre com /e/, também apresenta uma vogal média aberta como variação alofônica [ɔ]:

82. ['o.di] ‘dirigir, levar’

129. ['mɔ.len] ‘insalubre’

130. [la.'ma.o] ‘mosquito’

4.2.4 Fonema /a/ : vogal central aberta não arredondada

A vogal /a/ ocorre tanto em sílabas tônicas quanto átonas e não apresenta nenhuma variação alofônica:

131. [a:s] ‘manga’

2. ['ma.li] ‘rir’

29. ['a.ða] ‘casa’

4.2.5 Fonema /u/: vogal posterior fechada arredondada

A vogal /u/ ocorre tanto em sílabas tônicas quanto átonas, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

48. ['su.ru] ‘colher’

132. ['bu.a] ‘dormir’

133. ['u.tu] ‘piolho’

Esta vogal está em distribuição complementar com o [w]. Pois [w] só ocorre em início de palavra seguido por vogal. Em testes escritos com falantes nativos eles demonstraram através da intuição a existência de [w] neste ambiente descrito anteriormente:

134. ['wa.ni] 'abelha'

8. [we:r] 'água'

135 ['we.i] 'pé'

Em idaté não há contraste entre /wa/ e /ua/, pois estes sons ocorrem em ambientes excludentes. Em dois dados observamos que o /u/ pode ocorrer seguido de vogal, porém diferente dos outros exemplos em que o /u/ é assilábico, nestes dados o /u/ ocupa o núcleo da sílaba formando dissílabos:

136. ['u.it] 'colher, beliscar'

137. [u.'a:] 'orvalho'

Pelo fato de [w] estar na margem da sílaba, a sua produção se torna mais fechada, semelhante ao de uma aproximante. As aproximantes são produzidas com a aproximação de dois articuladores não envolvendo um fechamento no trato e assim como as vogais e nasais elas podem ser caracterizadas pelas frequências dos formantes (Ladefoged 2001).

Na *Figura 26* podemos observar o espectrograma de [w] e segundo Ladefoged uma das características que pode ser observada é o levantamento de F2 próximo a vogal adjacente, pois os lábios estão próximos e o dorso da língua está levantado:

Figura 26. Espectrograma de [w] em ['wa.i] 'fogo'. Janela de 5.000 Hz.

Em outras línguas também da família austronésia, como Lenakel, falada em Tanna, na ilha de Vanuatu (Rosenthal, 1994) e Palauano, falada em Palau e Gam (Morén, 2005), o fone [w] apresenta um comportamento semelhante ao visto em idaté, pois ele é um alofone de /u/, já que só ocorre seguido de vogal.

Desta maneira temos:

/u/ [w] / #_V

[u] / n.d.a

4.3 Vogais alongadas

Segundo Silva (2012) a duração é uma medida relativa e ela só pode ser calculada através da comparação de dois segmentos. A duração também pode variar muito a depender de diversas características, como o ritmo da fala, o acento da sílaba, a qualidade da vogal, a consoante adjacente, dentre outras.

Em uma análise acústica das vogais orais não finais observou-se que a duração da vogal é maior quando ela está em posição tônica:

Figura 27. Relação da duração e do acento nas vogais.

A partir desta primeira análise da duração foi observado também que a mesma vogal na posição tônica pode apresentar medidas bem distintas, indicando um possível alongamento das vogais em sílabas finais e monossílabos (figura 28). Como será visto na análise do acento esta identificação é importante para compreender o sistema de acentuação no idatê.

Para verificar o alongamento foram selecionadas as vogais que indicavam através da percepção serem mais longas e foi realizada uma média delas. Depois estes valores foram comparados com a duração em sílaba tônica apresentada na *Figura 28*. A partir da comparação foi observado que há uma diferença entre a duração das vogais, sendo possível fazer uma distinção fonética entre breves e longas.

Figura 28: Relação das vogais breves e longas em sílaba tônica.

As vogais alongadas ocorrem nos monossílabos e em posição tônica em final de palavra, tanto em sílabas abertas (CV) quanto fechadas (CVC). Como foi observado nos contrastes, o idaté não apresenta um contraste entre vogais breves e longas, ou seja, o alongamento é uma realização fonética que mantém o pé silábico da língua, pois como será visto na análise sobre o acento, somente uma mora não pode formar um pé, desta maneira todos os monossílabos possuem vogais alongadas:

138. [si:kʔ] 'vinagre'

90. [ne:] 'dar'

139. [ma:tʔ] 'cru'

74. [a'tu:n] 'grande'

140. [la'ho:n] 'estômago'

4.4 Laringalização fonética das vogais

Segundo Ladefoged (1975) a laringalização é um estado da glote em que as cartilagens aritenóides estão bem próximas fazendo com que as pregas vocais só possam vibrar de um lado apresentando baixas frequências de vibração.

Todas as vogais podem ser laringalizadas em idaté quando precedidas ou sucedidas por uma glotalização. Essa laringalização pode ocorrer com uma maior ou menor intensidade e com ou sem rangeado (creaky voice).

Acusticamente o que caracteriza a laringalização é a irregularidade dos ciclos glotais, valores mais baixos da frequência fundamental, uma duração menor da vogal laringalizada e uma elevação do segundo harmônico em relação ao primeiro.

A partir de uma análise inicial dos dados do idaté não é possível identificar a laringalização das vogais como sendo outro tipo fonatório relevante para a fonologia da língua, mas sim que parte da vogal, próxima à parada glotal fica laringalizada ocorrendo a diminuição da amplitude das duas vogais adjacentes à glotal, como pode ser observado nas figuras:

Figura 29. Espectrograma de [se.ʔi]. A possível reação da laringalização das vogais. Perto da glotal é indicada pelas flechas. A primeira linha indica a intensidade e linha pontilhada indica o o pitch.

Figura 30. Espectrograma de [a] em [la'ʔa:] 'comida'. Janela de 5.000 hz

Figura 31. Espectrograma de [u] em ['su.ʔar] 'falar'. Janela de 5.000 hz

Portanto, podemos concluir que a transição laringalizada [ʔ] condiciona a laringalização das vogais, o que é um fenômeno muito comum nas línguas do mundo

devido à articulação dessa consoante. Pelo fato da laringalização ser previsível, ela não será identificada com nenhum diacrítico especial nos dados.

4.5 Vogais nasalizadas

A nasalização da vogal pode ocorrer quando adjacente a ela há uma consoante nasal. Em sua produção o palato está abaixado permitindo a passagem do ar tanto pela cavidade oral quanto nasal (Ladefoged 1975).

De maneira semelhante ao que ocorre com as consoantes nasais, para se verificar se ocorre a nasalização das vogais é preciso verificar a existência de antiformantes e da deslocação dos mesmos.

Na *Figura 32* a linha azul representa a vogal [a] oral em ['lutar] e linha preta a vogal [ã] em ['hunã]. Observamos uma possível região de antiformantes entre F2 e F3, 1500Hz e 3000 Hz:

Figura 32: Espectrograma de [a] em ['lu.tar] (linha azul) e [ã] em ['hunã] (linha preta)

Em idaté a nasalização das vogais é previsível, pois elas só podem ocorrer entre consoantes nasais. Em muitos dados a nasalização é tão fraca que auditivamente é difícil verificar se ela ocorre realmente. Por isso, semelhantemente à laringalização, as vogais nasalizadas não serão identificadas com nenhum diacrítico especial.

4.6 Quadro de fonemas e alofones vocálicos em idaté

A partir dos pares mínimos, o quadro fonológico foi elaborado contendo 5 fonemas vocálicos. A relação entre os fonemas e seus alofones pode ser vista na tabela abaixo:

Relação dos fonemas e seus alofones vocálicos	
/i/	
/e/ ➡	[e] / _vogais médias
	[e] / n.d.a
/a/	
/o/ ➡	[ɔ] / _vogais médias
	[o] / n.d.a
/u/ ➡	[w] / # _V
	[u] / n.d.a

Tabela 20. Relação dos fonemas e alofones vocálicos da língua idaté.

CAPÍTULO 5

ESTRUTURA SILÁBICA

Alguns autores como Pike (1947), de tendência estruturalista, já observaram que a sílaba ocupa um status especial dentro das descrições fonológicas e com o avanço das pesquisas, foram propostos alguns modelos para representá-la, como por exemplo Kahn (1976, apud Silva 2012) e Clements & Keyser (1983, apud Silva 2012), dentro dos princípios gerativistas. Já com as propostas da fonologia não linear (Goldsmith 1995), a sílaba passou a ser representada como uma estrutura hierarquizada em que os traços dos fonemas estão subordinados a nós das estruturas internas da sílaba como o onset e a rima.

Outra maneira de representar a sílaba é através da estrutura moraica (Hyman 1985; Hayes 1989). Diferentemente das outras teorias em que uma sílaba recebe o acento, a teoria das moras integra o peso diretamente à estrutura prosódica por meio de unidades de peso que são as moras: uma rima monomoraica é leve, uma rima bi-moraica é pesada.

Hayes (1989) expõe que as unidades de peso da sílaba são denominadas moras (μ). Cada elemento da rima pode valer uma mora, uma para o núcleo e uma para a coda (isso se a língua considerar a coda como uma mora). Uma sílaba leve seria aquela com uma mora e uma sílaba pesada possuiria 2 moras.

Nem todas as línguas atribuem à coda o status de mora, por isso as sílabas fechadas podem ser leves ou pesadas. Em idaté observamos que a coda não influencia na colocação do acento, pois nos exemplos 115, 6 e 141 verificamos que o acento ocorre na penúltima sílaba o que não seria possível se a coda fosse considerada como uma mora, pois a última sílaba seria considerada pesada:

115. ['u.rus] ‘pimenta’

6. [la.'mu.rukʰ] ‘frio’

141. [la.'le.han] ‘céu’

Desta maneira, em idaté as sílabas CV e CVC são consideradas leves e as CV: e CV:C, que contêm vogais longas, são consideradas pesadas.

- Sílabas leves em idaté

- Sílabas pesadas em idaté

Pelo fato desta ser uma descrição pioneira da estrutura silábica em idaté, é necessário fazer outras observações sobre a sílaba para expandir a descrição feita anteriormente sobre leves e pesadas.

Assim como nas outras línguas do mundo, a sílaba CV é a mais frequente e todas as consoantes podem ocorrer como onset, como pode ser verificado em alguns exemplos da língua:

121. [h¹i.ni] ‘semente’

142. [a.¹ri.ta] ‘colar’

143. [wa.¹ri.la] ‘quando’

Já no padrão CVC, a coda é restrita a algumas consoantes: [t], [k], [n], [s] e [r], sendo que somente /n/ e /r/ ocorrem em posição medial de palavra.

144. [ma.nu.¹te.lor] ‘ovo’

145. [ben.¹te:n] ‘ladrão’

146. [se:s] ‘afastar’

5.1 Ataque obrigatório

Como foi observado o idaté apresenta um ataque obrigatório, desta maneira sílabas V e VC não são padrões permitidos na língua. Para sustentar esta afirmação, foram levantados três argumentos, como glotalização, ressilabificação e consoantes epentéticas que demonstram que o falante sempre insere uma consoante para formar o ataque.

No capítulo 3 verificamos que a glotalização ocorre tanto no início de palavras quanto entre duas vogais funcionando como o ataque da sílaba, transformando sílabas V em CV e VC em CVC.

É possível que a glotalização seja um processo em mudança em idaté, pois observamos que há uma tendência dos falantes mais velhos sempre realizarem a glotalização entre vogais e já entre os mais novos ela é facultativa. Nos exemplos 147 e 148 verificamos que estas palavras podem ser realizadas de duas maneiras, com ou sem a glotalização. O que evidencia a existência deste processo é a separação silábica, pois quando o falante produz o enunciado de maneira mais lenta verificamos a glotalização que divide as sílabas:

147. ['wa.i] ~ ['wa. ʔi] ‘fogo’

CV.V CV.CV

148. ['ho.i] ~ ['ho. ʔi] ‘morder’

CV.V CV.CV

Na língua tétum (Dili), muito próxima ao idaté, verifica-se que a glotalização não é mais freqüente, sendo o seu uso restrito aos falantes nativos do tétum tradicional (Térik). Desta maneira, é possível que em idaté ocorra o mesmo processo.

Foi observado também que em palavras compostas, ou frases, muitas vezes a coda da palavra anterior é ressilabificada se tornando um ataque da outra palavra, desta maneira uma sílaba V se torna CV:

149. [ʰhu.ʔatʰ] ‘apanhar’

150. [ʔa.ʔu] ‘eu’

151. [hu.ʔaʰta.ʔu] ‘orgulhoso’

Em algumas realizações, principalmente dos mais velhos, foi observado que em palavras iniciadas com vogais, eles inserem uma consoante, geralmente a fricativa não vozeada [h] ou um glide [j], gerando um ataque, como nos exemplos abaixo:

152. [ʰi.sa] [ʰji.sa] ‘um’

153. [ʰi.la] [ʰhi.la] ‘quantos’

Nos espectrogramas observamos a dispersão da energia antes da vogal inicial:

Figura 33. Espectrograma [i.latʰ] ‘arma’. Janela de 5.000 hz

Figura 34. Espectrograma [ˈha.da] 'casa'. Janela de 5.000 Hz

5.2 Sequências vocálicas

O idaté também não apresenta núcleos complexos formados por glides. No espectrograma verificamos que entre as vogais /a/ e /i/ não há uma transição abrupta e sim a passagem de uma vogal para outra formando um hiato. Durante a coleta de dados ao realizar a separação silábica com os informantes a grande maioria demonstrou que eram duas sílabas e não uma.

Figura 15. Espectrograma [ˈa.i] 'árvore'. Janela de 5.000 Hz

Outra evidência que parece mostrar que não temos ditongos é porque frequentemente ocorre a glotalização, principalmente quando a segunda vogal é alta:

147. ['wa.i] ~ ['wa.ʔi] 'fogo'

148. ['ho.i] ~ ['ho.ʔi] 'morder'

Como foi visto no capítulo 4, as vogais altas /i/ e /u/ possuem comportamentos diferentes. A vogal /i/ sempre é silábica e muito raramente, na fala rápida em sequências de duas vogais, ela pode ficar na margem silábica. Já a vogal /u/, pode ocorrer tanto como núcleo silábico, quanto na margem, sendo foneticamente realizado como [w]. Devido aos ambientes excludentes, não é possível estabelecer contrastes entre /ia/ e /ja/ e nem entre /ua/ e /wa/.

Pelo fato de [w] estar na margem silábica ele ocupa a mesma posição de uma consoante no onset, como pode ser visto em alguns exemplos, em que há a inserção de consoantes epentéticas que funcionam como ataque da sílaba:

154. ['i.la] ~ ['**hi**.la] 'quantos'

155. ['i.na-n] ~ ['**wi**.na-n] 'mãe'

156. ['a.ma-n] ~ ['**wa**.ma-n] 'pai'

5.3 Reduplicação

Foi observado que algumas palavras do idaté apresentam uma reduplicação. Este processo é caracterizado pela repetição de toda ou uma parte da raiz podendo gerar uma nova palavra ou atribuir algumas características gramaticais, como a pluralidade e intensidade.

Segundo Adelaar e Himmelmann(2005), a reduplicação é uma das características da família austronésia. Ela geralmente ocorre nos verbos para indicar aspecto e nos nomes para indicar número. Na língua malaia a reduplicação é a maneira comum de indicar a pluralidade, como em (1) *orang-orang* ‘pessoas’. A reduplicação em tétum (língua oficial do Timor Leste) é um processo morfológico produtivo e de acordo com Hull e Eccles (2001) os substantivos, adjetivos, advérbios e verbos podem sofrer este processo.

Nos dados coletados foi observado que a reduplicação só ocorre com os advérbios indicando uma relação semântica de maior intensidade.

157. [na.in 'wa.ʔik']

 pessoas- muito

 ‘Muitas pessoas’

158. [ɔ 'm-ua wa'waʔik 'tanti ɔ ba: 'm-ala]

 você-Pref. 2PS- muito muito-porque- você- ir- pref. 2PS- comprar

 ‘Você come muito porque você que comprou’

A reduplicação em idaté sempre é parcial, pois nunca a raiz toda é repetida e é possível estabelecer dois grupos de palavras, um em que somente uma sílaba é reduplicada e outro em que ocorre a reduplicação de duas sílabas, sendo que nunca a coda é repetida, como pode ser verificado nos exemplos:

1 sílaba	2 sílabas
159. mo.'mo.ak ^ː ‘pouco a pouco’	163. ˌma.ru.'ma.run ‘devagar’
160. wa.'wa.ʔik ^ː ‘muito’	164. ˌme.sa.'me.sak ‘sozinho’
161. to.'to.ik ^ː ‘rápido’	165. ˌu.su.'u.suk ^ː ‘meio passar só pelo meio’
162. mo.'mɔːr ‘calmo’	166. ˌwa.i.'wa.in ‘normalmente’

Tabela 21. Palavras reduplicadas em idaté.

CAPÍTULO 6

ACENTO

Hayes (1995) propõe que existem dois tipos de sistemas de acento: os que são sensíveis a quantidade e os que são insensíveis. Uma língua é considerada Sensível a Quantidade (SQ) quando é o peso da sílaba que determina a colocação do acento e não apenas a posição de um segmento. Desta maneira é possível existir:

- a) Troqueu silábico: insensível ao peso silábico e a sílaba à esquerda é acentuada

(* .)
σσ

- b) Troqueu moraico: sensível ao peso silábico com cabeça à esquerda

(* .) ou (*)
˘ ˘ _

- c) Iambo moraico: sensível ao peso silábico com cabeça à direita.

(. *) ou (*)
˘ ˘ _

Em idaté observamos que quando há somente sílabas leves o acento sempre é à esquerda, formando troqueus:

167. ['wa.ri] 'chuva'

168. [ma.'la.fo] 'rato'

129. [l'mɔ.len] 'insalubre'

As unidades de peso da sílaba são denominadas moras (μ), em que cada elemento da rima pode valer uma mora, uma para o núcleo e uma para a coda (dependendo da língua). Um núcleo longo terá por definição duas moras. Como foi visto, uma sílaba leve seria aquela com uma mora e uma sílaba pesada possuiria duas moras, sendo que a coda não contribui para o peso silábico em idaté.

Nos exemplos 169, 170, 4 e 171 observamos que se a sílaba é pesada ela atrairá o acento para a última sílaba, independente se tenha coda ou não, sendo o acento final exepcional. Isso indica que o parâmento SQ é fundamental na definição do acento em idaté:

169. [la'ba:s] 'ombro'

170. [maʔe:s] ‘medo’

4. [mu:] ‘banana’

171. [ba. 'ri:] ‘levantar, ficar de pé’

Foi observado que o idaté não apresenta o contraste entre vogais breves e longas. Wetzels (1995 e 2003) argumenta que diversas línguas no mundo são SQ e também não apresentam este contraste, como a língua indígena brasileira bakairi, a língua Quechua inga, a língua austronésia Kilivila e a língua sentani da família papua. Em seu artigo (1995) ao analisar a teoria de Trubetzkoy, Wetzels conclui que não há nada nas leis de Trubetzkoy que exclua a possibilidade de uma língua ter regras do acento baseadas no peso, mesmo que ela não tenha vogais longas fonológicas. Em um levantamento sobre as línguas que consideram o peso para a colocação do acento, Hults e Visch (apud

Wetzels 2003) verificaram que 20 das 500 línguas listadas nos dados que eles possuem são SQ e não apresentam vogais longas fonêmicas.

Desta maneira, observa-se que o fato das línguas serem SQ e não apresentarem contrastes fonológicos da duração das vogais é algo possível nas línguas, sendo isso demonstrado e comprovado através das pesquisas empíricas.

A palavra mínina em idaté é constituída prosodicamente de no mínimo duas moras, pois os monossílabos tônicos sempre são alongados, como em 172, 173 e 174. O alongamento funciona como um suprasegmento que mantêm o padrão acentual da língua em que a cada duas moras temos um pé, pois uma palavra acentuada deve ser formada de no mínimo dois elementos métricos.

172. [a:] ‘comer’

173. [a:t] ‘quatro’

174. [lɔ:] ‘rio’

Nas realizações dos mais velhos é possível verificar que em algumas palavras, principalmente nos monossílabos, o alongamento deixa de existir, pois eles realizam duas vogais em sílabas distintas. É possível que a forma com a glotal é uma realização mais antiga que está em processo de mudança nas gerações mais novas.

53. [nɔ:r] ‘coco’

175. [ˈnɔ.ʔɔr] ‘coco’

67. [ba'di:n] 'calmo'

176. [ba.'di.ʔin] 'calmo'

56. [ma:] 'vir'

177. ['ma. ʔa] 'vir'

Desta maneira, o pé continua sendo formado por no mínimo duas moras com acento à esquerda e o alongamento não se faz mais necessário visto que o pé já está formado. Isso evidencia que o alongamento nos monossílabos ocorre em idaté com um objetivo específico de manter o padrão da língua em que uma mora sozinha não pode formar um pé.

O acento secundário é permitido em idaté, e podemos observá-lo nas palavras compostas. A composição pode ser feita pela junção de duas palavras simples. Quando isso ocorre o acento permanece na penúltima sílaba, sendo que a última receberá o acento primário e a primeira o secundário:

178. (,ma.nu) ('a.man) 'galo'

179. ['manu] 'pássaro'

180. ['a.man] 'pai'

181. (,batar) ('senar) 'pipoca'

182. ['ba.tar] 'milho'

183. ['se.nar] 'fritar'

CONCLUSÃO

A partir desta análise inicial foi possível elaborar um quadro de 15 fonemas da língua idaté. Sendo 10 fonemas consonantais e 5 vocálicos.

A língua também apresenta algumas variações alofônicas que representam uma mudança no traço contínuo, em ambientes como início de palavra e entre vogais, uma consoante não contínua se torna contínua.

Com exceção de /t/ e /d/, o traço [+VOZEADO] parece não fazer distinção dos fonemas, pois as consoantes não se distinguem apenas por este traço. O que foi verificado é que através dele há realizações de outros alofones.

O padrão máximo da sílaba é CVC, sendo que o mais comum é o CV. Como foi observado, o ataque é obrigatório em idaté e as vogais não possuem ditongos.

O acento pode ser definido como o troquéu moraico. Quando a palavra é formada de apenas sílabas leves, a sílaba à esquerda recebe o acento, já quando há uma sílaba pesada, devido ao alongamento da vogal, esta sílaba será acentuada.

Quanto à vitalidade do idaté, o futuro das línguas minoritárias no Timor Leste ainda é muito incerto, pois apesar da língua ser transmitida para as futuras gerações e os falantes possuírem atitudes positivas e terem a sua língua como uma identidade cultural, estas línguas dependem de políticas governamentais e institucionais efetivas para a ampliação da sua documentação, ampliação do seu uso em outros domínios bem como a conscientização dos falantes sobre a importância das línguas maternas.

Outro fator importante é que o tétum e o português são línguas de acesso ao trabalho, à educação e a outros bens. Com o tempo isso pode influenciar nas decisões dos pais se irão ou não transmitir a língua para os filhos.

Inicialmente podemos concluir que o idaté é uma língua ameaçada, embora nesta geração o seu uso se apresente como estável.

Esta análise serve como uma documentação inicial do sistema fonético e fonológico da língua e espera-se que a partir dela outras análises sejam realizadas para que se tenha uma ampliação da documentação das línguas do Timor Leste.

BIBLIOGRAFIA

ADELAAR, Alexander e HIMMELMANN, NP (eds): *The Austronesian languages of South East Asia and Madagascar*. London: Routledge, 2005.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. As línguas de Timor Leste: perspectivas e prospectivas. In: *Revista Língua e Literatura (USP)*, v. 27, p. 313-335, 2010).

BOERSMA, P. & WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer. (Version 4.6) [computer program].

BURQUEST, Donald A. *Phonological Analysis: a functional approach*. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1998.

CAGLIARI, Luis Carlos. Análise fonológica. Edição do autor. Campinas, 1997.

CALVET, Louis-Jean. As políticas linguísticas. São Paulo, Parábola editorial: IPOL, 2007.

Constituição da República Federativa do Timor Leste. 2002.

CHOMSKY, Noan; HALLE, Morris. *The sound Pattern of English*. New York: Harper e Row, 1986.

CLARK, John; YALLOP, Collin. *An Introduction of phonetics and Phonology*. Oxford: Blackwell, 1997.

CROWLEY, Terry. Field linguistics: a beginner's guide. Oxford linguistics, 2007.

ESPERANÇA, João Paulo. Estudos de lingüística timorense. SUL – Associação de Cooperação para o desenvolvimento. Aveiro, 2001.

FRANÇA, Bento de. *Timor*. Lisboa. Ed. Companhia Nacional, 1891.

FERREIRA, Luísa. *Ma ta su'ar idate*. Timor Lorosa'e Nippon Culture Center, 2005.

GOLDSMITH, J.A. *The handbook of Phonological Theory*. Blackwell, 1995.

HAYES, Bruce P. Compensatory Lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry* 20, 2, 1989, p. 253-306.

_____. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: The University of Chicago Press. Pp. xv + 455. 1995.

_____. *Phonetically Driven Phonology: The Role of Optimality Theory and Inductive Grounding*. Written for the proceedings volume of the 1996 Milwaukee Conference on Formalism and Functionalism in Linguistics. Versão final 1997.

HERMANS, Ben. WETZELS, Leo W. On the role of the mora in phonological analysis.

HYMAN, Larry M. *A Theory of Phonological Weight*. Dordrecht: Foris, 1985.

HULL, Geoffrey. "The basic lexical affinities of East Timor's Austronesian Languages. A preliminary investigation". In *Studies of languages and cultures of east timor (language acquisition research centre, university of western Sydney vol 1* .(1998) p. 97-198.

HULL, Geoffrey (org). *Studies in languages and cultures of East Timor*. vol.3. Sydney: University of Western Sydney, 2000.

HULL, Geoffrey; ECCLES, Lance. *Gramática da Língua Tetum*. Lisboa: Lidel, 2001.

HULL, Geoffrey. *The Languages of East Timor: some basic facts*. Instituto Nacional de linguística: Timor Leste, 2002.

LADEFOGED, Peter & MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell. 1996.

LADEFOGED, Peter. *Vowels and Consonants: An introduction to the sounds of languages*. Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

_____. *Phonetic data analysis: an introduction to instrumental phonetic fieldwork*. Oxford: Blackwell, 2003.

LEWIS, M. Paul, GARY F. Simons, and Charles D. Fennig (eds.). 2013. *Ethnologue: Languages of the World*, Seventeenth edition. Dallas, Texas: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com>.

JAKOBSON, R; C.G.M. Fant & Morris Halle. *Preliminaries to speech analysis: The distinctive features and their correlates*. Cambridge: MIT Press, 1972.

JOHNSON, Keith. *Acoustic and auditory phonetics*. Blackwell. 2009.

LADEFOGED, Peter. *A course in Phonetics*. Los Angeles: University of California, 1975.

MORÉN. *The Segmental Sound Patterns of Palauan*, 2005.

OLIVERIA, Luna de. *Timor na historia de Portugal*. Vol 1. Lisboa. Agência Geral das colônias, 1949.

PIKE, Kenneth L. *Phonemics*. Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1947.

TRUBETZKOY, Nikolay. *Principles of Phonology*. Trad. C.A.M. Baltaxe Berkely, Los Angeles: University of California Press (Publicação original pelo Círculo Linguístico de Praga, 1939).

TRYON, Darrell T. *Comparative Austronesian Dictionary. An introduction to Austronesian studies*. Part. 1 Fascicle 1. Ed: Mouton de Gruyter, 1994.

ROSENTHALL, Samuel. Vowel/glide alternation in a theory of constraint interactio. 1994

SANTOS, Hercu Pereira dos. *Dialetu idaté*. Trabalho de conclusão de curso de graduação na Universidade Timor Lorosa'e (UNTL). Dili, 2006.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7 ed. São Paulo: contexto, 2012.

STENZEL, K. Glottalization and other suprasegmental features in Wanano. IJAL. International Journal of American Linguistics v. 73, n. 3, p. 331–66, 2007.

STENZEL, Kristine, DEMOLIN, Didier. Traços laringais em Kotiria e Wa'ikhana. (Tukano Oriental). 2012

STEVENS, Kenneth N. *Acoustic phonetics*. Cambridge, 1998.

UNESCO Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language Vitality and Endangerment*. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003.

VAN KLIKEN, Catharina Williams, HAYEK John, NORDINGLER Rachel. A shorter grammar of Tetun Dili. Lincom Europa, 2002.

VAN KLIKEN, Catharina Williams. Tetun language course. 2 ed. 2011.

VEEN, Lolke van der & MVÉ, Pither Medjo. Guidelines for getting your phonological analysis started. 3L Summer School – Leiden 2010

WETZELS, Leo W. On the weight issue in Portuguese, a typological investigation. In: Letras de hoje . Porto alegre v 38 n 4, dezembro 2003.

Sites consultados

<http://language.psy.auckland.ac.nz/austronesian/language.php?id=280>. Acessado em 20 de abril de 2014.

http://www.trussel2.com/acd/acd-pl_pan.htm. . Acessado em 20 de abril de 2014

<http://www.mof.gov.tl/about-the-ministry/statistics-indicators/sensus-fo-fila-fali/sensus-fo-fila-fali-suco-reports/?lang=pt>. Acessado em 18 de fevereiro de 2014.

<http://timor-leste.gov.tl/?p=91>. Acessado em 18 de fevereiro de 2014.

APÊNDICE 1

Análise morfológica preliminar

Foram feitas algumas análises preliminares sobre a morfologia para ajudar na demarcação das fronteiras das palavras e verificar possíveis alterações morfológicas. Inicialmente o objetivo foi descrever os afixos, mesmo que ainda não se tenha uma análise do seu significado, pois seria preciso pesquisas morfológicas mais específicas do idaté para se ter conclusões mais exatas.

Muitos afixos encontrados se assemelham aos das outras línguas do Timor, principalmente com o tétum térik. Pelo fato das línguas serem dinâmicas, há algumas evidências de alterações diacrônicas dos paradigmas, principalmente na morfologia.

É possível dizer que o idaté apresenta uma forte tendência para ser classificada como uma língua isolante ou analítica, pois grande parte das palavras são monomorfêmicas. As línguas isolantes são caracterizadas pela forte presença de palavras monomorfêmicas e pela ausência de afixos. Nos exemplos abaixo verificamos que cada palavra pode existir isoladamente, com exceção do prefixo {ta-}, e cada uma delas corresponde a um único morfema:

1. ['ita ta- 'leso 'wina 'haru]
2PS FORMAL- prefixo 1PP- rasgar-PERFECTIVO-camisa
'você rasgou a camisa'
2. ['aða 'tɛlɔ]
casa-três
'três casas'

Porém, com a pesquisa de campo, observou-se que a língua apresenta alguns afixos verbais e nominais.

2.2.2 Morfemas verbais

Prefixos de pessoa e número

A categoria verbal é a que mais possui afixos. Os verbos que começam com vogal recebem um prefixo que indica a pessoa e o número. Independentemente da vogal inicial da raiz verbal, os prefixos se mantêm os mesmos.

Ex: 3. {ala} ‘comprar’

4. ['au ala]	‘eu compro’
5. [ɔ m -ala]	‘você compra’
6. [ita ala]	‘você compra (forma de cortesia)’
7. [ni n -ala]	‘ele,ela compra’
8. ['ita ala]	‘nós compramos (inclusivo)’
9. [ami ala]	‘nós compramos (exclusivo)’
10. ['imi ala]	‘vocês compram’
11. ['sira r -ala]	‘eles, elas compram’

De acordo com os exemplos acima temos o seguinte paradigma dos morfemas:

Verbo: {ala} ‘comprar’

Pronomes pessoais:

{au}	‘eu’
{ɔ}	‘você’
{ni}	‘ele, ela’
{ita}	‘você forma de cortesia, nós inclusivo’
{ami}	‘nós exclusivo’
{imi}	‘vocês’
{sira}	‘eles, elas’

Prefixos de pessoa e número

{ Ø }	‘eu, nós,você,vocês’
{m_}	‘você’
{n_}	‘ele, ela’
{r_}	‘eles, elas’

Já os verbos que começam com consoantes possuem um paradigma diferente. A última sílaba da raiz do pronome é reduplicada, com exceção da segunda pessoa do plural, em que o morfema é zero. Algo importante de se observar é que na terceira pessoa do singular o prefixo é {na_} e não {ni_}. Uma possível explicação para esta mudança talvez esteja no fato de que na protolíngua da família austronésia o pronome de terceira pessoa é {nia}, semelhante ao tétum e em outras línguas do Timor. Também foi verificado que independente da vogal da primeira sílaba do verbo, os prefixos se mantêm os mesmos como podemos observar nos exemplos abaixo:

12. ['au **u-** 'lɔʔɛ] 'eu abro'
13. [ɔ ɔ- 'lɔʔɛ] 'você abre'
14. ['i.ta **ta-** 'lɔʔɛ] 'você abre (forma de cortesia)'
15. [ni **na-** 'lɔʔɛ] 'ele, ela abre'
16. ['ita **ta-** 'lɔʔɛ] 'nós abrimos (inclusivo)'
17. ['ami 'lɔʔɛ] 'nós abrimos (exclusivo)'
18. ['imi 'lɔʔɛ] 'vocês abrem'
19. ['sira **ra-** 'lɔʔɛ] 'elas abrem'

De acordo com os exemplos acima temos o seguinte paradigma dos morfemas:

Verbo: { 'lɔʔɛ} 'abrir'

Prefixos de pessoa e de número:

{ u_ }	'eu'
{ ɔ_ }	'você'
{ na_ }	'ele,ela'
{ ta_ }	'nós inclusivo'
{ Ø }	'nós exclusivo e vocês'
{ ra_ }	'eles, elas'

É possível fazer a seguinte relação dos prefixos de pessoa e número:

Pessoa	Prefixo diante de Vogais	Prefixo diante de consoantes
1PS	{ Ø }	{ u_ }
2PS	{ m_ }	{ ɔ_ }
3 PS	{ n_ }	{ na_ }
1PP	{ Ø }	{ ta_ }
2PP	{ Ø }	{ Ø }
3PP	{ r_ }	{ ra_ }

Tabela 1. Relação dos prefixos verbais diante de vogais e consoantes.

Esta alomorfia dos prefixos de pessoa e número é condicionada fonologicamente dependendo do fone que inicia a raiz. Observamos que a vogal [a] dos prefixos de 3PS, 1PP e 3PP usados diante de consoantes mantém o padrão silábico da língua, em que uma sílaba CCV não seria permitida:

ni **nk**asek *

20. [ni **na**- 'ka.sek]

‘ele(a) quer’

Em algumas gravações, dependendo da idade do falante, é possível observar que estes dois paradigmas se mesclam e muitas vezes com os verbos iniciados com consoantes não ocorre a reduplicação da primeira e segunda pessoas do singular. Em algumas ocorrências verificamos que o pronome pessoal é omitido ficando somente o prefixo de marcação de número e pessoa, em que um morfema preso se tornaria livre. Possivelmente este sistema de prefixos está em processo de mudança, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

21. [¹**au** **u-**¹sɔba we:r]
eu-prefixo 1PS- derramar-água
'eu derramo a água'

22. [¹**au** ¹sɔba we:r]
eu- derramar-água
'eu derramo a água'

23. [**u-**¹sɔba we:r]
prefixo 1PS- derramar-água
'eu derramo a água'

Em alguns verbos em que não há um agente, não ocorre a flexão de pessoa. Isso ocorre com os verbos iniciados com os prefixos {ma_} e {si_}, como será visto nos prefixos verbais:

24. [**ma-**¹**na**.hu] 'cair'
25. [¹au ma-¹nahu hori ka'reta]
1PS-pref. -cair-de-carro
'eu caí do carro'

28. [**ma-**¹**kika**] 'gritar'
29. [ni ma-¹kika ¹nɔro ¹asu]
3PS-prefixo-com-cachorro
'ele grita com o cachorro'

26. [**ma-**¹**hatik**] 'sonhar'
27. [¹au ma-¹ha.tik^ʔ ɔ ¹hori ¹oʔar]
1PS-pref.sonhar-2PS-?-noite
'eu sonho com você a noite'

30. [si-'lu.ha] 'esquecer'

31. [l'au si-'luha 'haʔe tele'foni 'hɛ 'ada]

1PS-pref-esquecer-?-telefone-em-casa

‘eu esqueci o telefone em casa’

32. [si'.'ʔɛ.be] 'proteger'

33. [ni ba si-'ʔebi 'haʔe hɛ hatu'ilet]

3PS- ?-pref-proteger-?-pedra-?

‘ele está protegido no buraco’

Prefixos de derivação verbal

Os prefixos podem ser acrescentados aos verbos, adjetivos e substantivos para formar verbos novos, ou alterar a transitividade:

- **{di_}** ‘verbo ergativo’. Transforma verbos transitivos em intransitivos, em que o afetado em uma oração transitiva se torna sujeito paciente em uma oração intransitiva. Nos verbos coletados esta forma só ocorre diante do fonema /l/:

34. [l'au u-'lɔʔɛ lala'-mata-k̃]

eu-pref. 1PS-abrir-guia-olho-poss1 PS

‘eu abro a porta’

35. [lala'-mata-k̃ di-'lɔʔɛ]

guia-olho-poss1PS- prefixo verbo ergativo- abrir

‘a porta está aberta’ ou ‘a porta abriu-se’

36. [l'au u-'lesu 'pregu]

eu-pref. 1PS-soltar-prego

‘eu solto o prego’

37. ['pre.gu di-'le.su]

prego-prefixo verbo ergativo-soltar

'o prego está solto' ou 'o prego soltou-se'

- {si_} 'verbo ergativo'. Este prefixo se assemelha ao {di_} em que o seu acréscimo transforma verbos transitivos em intransitivos com um sujeito paciente. Ele ocorre diante dos verbos que não começam com /l/:

38. [u-'sɔba wɛ:r]

prefixo 1PS- derramar-água

'eu derramo a água'

39. [wɛ:r si-'sɔba]

água-prefixo verbo ergativo- derramar

'a água foi derramada' ou 'a água derramou-se'

Uma exceção é o verbo [si.'lu.ha] 'esquecer', pois ele é transitivo. Porém, observamos que este verbo não possui flexão de pessoa, sendo o sujeito mais paciente do que agente:

40. [ɔ si-'luha 'haʔe tele'fone hɛ 'ada]

2PS-esquecer-?-telefone-em-casa

'você esqueceu o telefone em casa'

41. ['sira si-'luha 'haʔe tele'fone hɛ 'ada]

eles-esquecer-?-telefone-em-casa

'eles esqueceram o telefone em casa'

- {a_} 'verbos agentivos'. Os verbos que começam com o prefixo {a_} são verbos transitivos que indicam um agente que realiza uma ação:

42. ['**туру** 'asu]

sair-cachorro

‘sai cachorro!’

43. [ami **a-**'туру ban'dera] ‘descer’

1PP exclu-prefixo verbo causativo-descer-bandeira

Nós descemos a bandeira.

Na maioria dos verbos desta categoria não existe mais a forma sem o prefixo {a_}. No exemplo 42 este uso é uma forma cristalizada do verbo que só é utilizada nesta construção imperativa. É possível observar também que não há uma relação semântica entre as duas formas verbais em 42 e 43.

- {**ma_**} ‘verbos intransitivos inacusativos’. Todos os verbos que começam com este prefixo não possuem um agente, ou seja, o sujeito “experiencia” a ação proposta pelo verbo. Estes verbos também não possuem flexão de pessoa:

25. ['au **ma-**'**наһу** 'hori ka'reta]

‘eu- prefixo intransitivo- cair-de-carro’

‘Eu cai do carro’

44. ['au **a-**'**наһу** 'livru]

Eu-prefixo causativo-cair-livro

‘Eu derrubei o livro’

2.2.3 Sufixo de derivação nominal

- {**_n**} Este sufixo transforma um verbo em um substantivo estabelecendo uma relação semântica entre os dois indicando que a ação verbal foi concretizada:

45. ['au 'hutu ru:t̃]

eu-amarrar-erva

‘eu amarro a erva’

46. [ru:t̃ ' hutun 'isa]

erva-amarrado-um

‘um amarrado(feixe) de erva’

2.2.4 Sufixo de posse

A posse em idaté pode ser feita por meio de um sufixo. Conforme o paradigma abaixo:

47. [u 'namo-k̃] ‘minha horta’

48. [ɔ 'namo-n] ‘tua horta’

49. [ni ni 'namo-n] ‘a horta dele’

50. ['ita 'namo-r] ‘nossa horta’

51. [imi namo-r] ‘a horta de vocês’

52. ['sira 'namo-r] ‘a horta deles’

Desta maneira, temos os seguintes morfemas de posse:

{_k} ‘meu,minha’

{_n} ‘teu,tua, seu,sua’

{_r} ‘possuidor plural’

A posse também pode ser feita através dos pronomes pessoais com o sufixo {_k} e invertendo a posição do pronome com o objeto possuído:

53. ['betuk̃'au-k̃] 'meu bambu'

54. ['betuk̃'sira-k̃] 'o bambu deles'

O idaté também faz diferença entre substantivos alienáveis e inalienáveis. Por isso, as partes do corpo são sempre expressas com a marca de posse. Pelos dados coletados há uma hipótese de que os substantivos que terminam com consoantes são inalienáveis, e os que terminam com vogais sejam alienáveis:

55. ['i.ba-r] 'boca'

56. ['li.ma-n] 'mão'

57. ['a.da] 'casa'

58. ['hi.ni] 'semente'

O substantivo ['la.rek̃] 'terra', e alguns alimentos que são dela extraídos, como ['he.huk̃] 'batata', ['hu.nar] 'limão', ['be.tuk̃] 'bambu' também terminam com consoantes, o que poderia indicar uma posse inalienável.

Pelo fato dos substantivos inalienáveis já possuírem um sufixo de posse, ao se realizar uma oração possessiva o substantivo não sofre flexão independente da pessoa:

59. [ni 'iβar]
3PS- boca- suf. posse
'a boca dele (a)'

60. ['sira 'iβar]
3PP- boca- suf posse
'a boca deles (as)'

Porém, em algumas gravações certas palavras como ['ne.an] ‘dente’, ['hu.an] ‘coração’ e ['we.in] ‘pé’ sofrem flexão, podendo indicar uma possível mudança no sistema.

APÊNDICE 2

Lista de exemplos usados na dissertação

Número	Transcrição fonética	Transcrição fonológica	Tradução
1	[¹ ba.li] ~ [¹ pa.li]	/ ¹ ba.li/	‘cuidar’
2	[¹ ma.li]	/ ¹ ma.li/	‘rir’
3	[bu:] ~ [pu:]	/bu/	‘antepassado’
4	[mu:]	/mu/	‘banana’
5	[la. ¹ bu.ruk ^ː] ~ [la. ¹ βu.ruk ^ː] ~ [la. ¹ pu.ruk ^ː]	/la. ¹ bu.ruk/	‘estragado’
6	[la. ¹ mu.ruk ^ː]	/la. ¹ mu.ruk /	‘frio’
7	[bɛ:r] ~ [pɛ:r]	/ber/	‘esperar’
8	[wɛ:r]	/wer/	‘água’
9	[¹ ba.ni] ~ [¹ pa.ni]	/ ¹ ba.ni/	‘tio (irmão da mãe)’
10	[¹ wa.ni]	/ ¹ wa.ni/	‘abelha’
11	[¹ wa.li]	/ ¹ wa.li/	‘caçula’
12	[¹ u.ta]	/ ¹ u.ta/	‘abóbora’
13	[¹ u.da] ~ [¹ u.ða]	/ ¹ u.da/	‘plantar’
14	[a. ¹ tu.du] ~ [a. ¹ tu.ðu]	/a. ¹ tu.du/	‘mostrar’
15	[a. ¹ du.du] ~ [a. ¹ ðu.ðu]	/a. ¹ du.du/	‘empurrar’

16	[ka.'mɔ.təkʰ]	/ka.'mo.tok/	‘morrer afogado’
17	[ka.'mɔ.dəkʰ] ~ [ka.'mɔ.ðəkʰ]	/ka.'mo.dok /	‘amarelo’
18	[ti:]	/ti/	‘ir’
19	[ni:]	/ni/	‘ele,ela’
20	[ʰha.tu]	/ʰha.tu/	‘pedra’
21	[ʰha.nu]	/ʰha.nu/	‘acordar alguém’
22	[ʰu.na]	/ʰu.na/	‘fazer’
23	[ʰe.ti]	/ʰe.ti/	‘apertar’
24	[ʰe.si]	/ʰe.si/	‘atar’
25	[ʰu.ti]	/ʰu.ti/	‘órgão genital masculino’
26	[ʰu.si]	/ʰu.si/	‘deixar’
27	[ʰtɛ.lɔɾ]	/ʰtɛ.lɔɾ/	‘órgão genital masculino, ovos’
28	[ʰsɛ.lɔɾ]	/ʰsɛ.lɔɾ/	‘outros’
29	[ʰta.ru]	/ʰta.ru/	‘apostar’
30	[ʰha.ru]	/ʰha.ru/	‘camisa’
31	[ʰtu.ran]	/ʰtu.ran/	‘sentar’
32	[ʰhu.ran]	/ʰhu.ran/	‘espuma’
33	[ʰu.fi]	/ʰu.hi/	‘batata doce’
34	[ʰa.da]	/ʰa.na/	‘casa’
35	[ʰa.na]	/ʰa.na/	‘atirar a flecha’

36	[^l da.un] ~ [^l ta.un]	/ ^l da.un/	‘agulha’
37	[^l na.un]	/ ^l na.un/	‘fígado’
38	[^l u.ra]	/ ^l u.ra/	‘panela’
39	[^l su.di] ~ [^l su.ði]	/ ^l su.di/	‘esquentar’
40	[^l su. ri]	/ ^l su. ri/	‘tirar a roupa’
41	[^l tu.du] ~ [^l tu.ðu]	/ ^l tu.du/	‘chapéu tradicional feito de folhas de palmeira’
42	[^l tu.ru]	/ ^l tu.ru/	‘expulsar’
43	[^l a.la]	/ ^l a.la/	‘comprar’
44	[^l la.un]	/ ^l la.un/	‘ponta, cume’
45	[a ^l da:] ~ [a ^l ða:]	/a ^l da/	‘dizer’
46	[a ^l la:]	/a ^l la/	‘ninar o bebê’
47	[^l se.i]	/ ^l se.i/	‘ouvir’
48	[^l he.i]	/ ^l he.i/	‘ainda não’
49	[^l su.lu]	/ ^l su.lu/	‘queimar’
50	[^l hu.la]	/ ^l hu.la/	‘lua’
51	[^l su.ru]	/ ^l su.ru/	‘colher’
52	[^l be.li] ~ [^l pe.li]	/ ^l be.li/	‘fome’
53	[^l be.ri] ~ [^l pe.ri]	/ ^l be.ri/	‘puxar. ação praticada por uma pessoa’
54	[^l se.ro]	/ ^l se.ro/	‘chorar’

55	[mɔ:r]	/mor/	‘viver, morar’
56	[nɔ:r]	/nor/	‘coco’
57	[^l me.luk ^ː]	/ ^l me.luk /	‘amargo’
58	[^l ne.luk ^ː]	/ ^l ne.luk/	‘crescer desordenadamente (planta)’
59	[ma:]	/ma/	‘vir’
60	[na:]	/na/	‘língua (parte do corpo humano)’
61	[^l te.ku]	/ ^l te.ku/	‘ponto de ebulição do vinho branco’
62	[^l te.hu]	/ ^l te.hu/	‘cana’
63	[^l ko.ʔik ^ː]	/ ^l ko.ik/	‘cavar um buraco’
64	[^l ho.ʔik ^ː]	/ ^l ho.ik/	‘picante’
65	[^l ki.ʔi]	/ ^l ki.i/	‘tia’
66	[^l hi.ʔi]	/ ^l hi.i/	‘não é? (usado em final de frases para confirmar uma informação)’
67	[^l bi.bu] ~ [^l pi.bu] ~ [^l pi.βu] ~ [^l bi.βu]	/ ^l bi.bu/	‘carneiro’
68	[^l be.ʔu] ~ [^l pe.ʔu]	/ ^l be.u /	‘travesso’
69	[^l bɔ.so] ~ [^l pɔ.so]	/ ^l bo.so/	‘mentir’
70	[pa. ^l ði:n] ~ [ba. ^l ði:n] ~ [ba. ^l di:n] ~ [pa. ^l di:n]	/ba. ^l din/	‘calmo’
71	[^l po.ʔur] ~ [^l bo.ʔur]	/ ^l bo.ur/	‘gordo’

72	[¹ lɛ.pas] ~ [¹ lɛ.bas] ~ [¹ lɛ.βas]	/ ¹ lɛ.bas/	‘lama’
73	[¹ pe.ar] ~ [¹ be.ar]	/ ¹ be.ar/	‘doce’
74	[¹ pu.tin] ~ [¹ bu.tin]	/ ¹ bu.tin/	‘branco’
76	[¹ i.βar] ~ [¹ i.bar]	[¹ i.bar]	‘boca’
76	[¹ so.βu] ~ [¹ so.bu]	/ ¹ so.bu/	‘destruir, limpar’
77	[a. ¹ tun]	/a. ¹ tun/	‘grande’
78	[to. ¹ to.ik ^ː]	/to. ¹ to.ik/	‘rápido’
79	ti. ¹ ke.tu]	ti. ¹ ke.tu/	‘quebrar’
80	[ru:t ^ː]	/rut/	‘grama’
81	[a. ¹ ɦo.it ^{ːː}]	/a. ¹ ɦo.it/	‘rápido’
82	[¹ u.rat ^ː]	/ ¹ u.rat/	‘veia’az
83	[¹ dɛ.ka]	/ ¹ dɛ.ka/	‘cavar’
84	[¹ do.ʔur] ~ [¹ to.ʔur]	/ ¹ do.ur/	‘fechar’
85	[¹ o.di] ~ [¹ o.ði]	/ ¹ o.di/	‘dirigir, levar’
86	[kar. ¹ lu.ne]	/kar. ¹ lu.ne/	‘almofada’
87	[¹ ma.kas]	/ ¹ ma.kas/	‘torrado’
88	[¹ ka.ir]	/ ¹ ka.ir/	‘anzol’
89	[¹ lu.rik ^ː]	/ ¹ lu.rik/	‘osso’
90	[¹ wa.ʔik ^ː]	/ ¹ wa.ik/	‘muito’
91	[¹ la.nuk ^ː]	/ ¹ la.nuk /	‘bêbado’
92	[su. ¹ ma.lar]	/su. ¹ ma.lar/	‘alma’

93	[ne:]	/ne/	‘dar’
94	[¹ no.βu] ~ [¹ no.bu]	/ ¹ no.bu/	‘acabar’
95	[¹ tu.βan] ~ [¹ tu.ban]	/ ¹ tu.ban/	‘pedaço’
96	[¹ ba.ʔer] ~ [¹ pa.ʔer]	/ ¹ ba.er/	‘barriga’
97	[¹ i.ar]	/ ¹ i.ar/	‘prima’
98	[ris]	/ris/	‘asa’
99	[¹ ri.ɦun]	/ ¹ ri.hun/	‘pesado’
100	[¹ ra.ʔes]	/ ¹ ra.es/	‘magro’
101	[ka.βi.san] ~ [ka.bi.san]	/ka.bi.san/	‘silêncio’
102	[¹ u.las]	/ ¹ u.las/	‘vento’
103	[¹ hu.nar]	/ ¹ hu.nar/	‘limão’
104	[¹ he.lin]	/ ¹ he.lin/	‘preço’
105	[le:s]	/les/	‘rasgar’
106	[la. ¹ li.ar]	/la. ¹ li.ar/	‘telhado’
107	[¹ su.ʔar]	/ ¹ su.ar/	‘falar’
108	[la. ¹ ʔe.ɦan]	/la. ¹ e.han/	‘facão’
109	[¹ mu. ʔa]	/ ¹ mu.a/	‘nadar’
110	[ʔa.ʔu ʔu- ¹ kasekʔ]	/a.u u- ¹ kasek/	‘eu quero’
111	[¹ ka.er]	/ ¹ ka.er/	‘direita’
112	[¹ e.ar]	/ ¹ e.ar/	‘matar’
113	[na-. ¹ ɦo.de] ~ [na-. ¹ ɦo.ðe]	/na-. ¹ ho.de/	‘fervendo’

114	[na-. ¹ ɦo.di] ~ [na-. ¹ ɦo.ði]	/na-. ¹ ɦo.di/	‘adotar’
115	[¹ sa.βu] ~ [¹ sa.bu]	/ ¹ sa.bu/	‘bruxo’
116	[¹ sa.βo] ~ [¹ sa.bo]	/ ¹ sa.bo/	‘limpar’
117	[¹ u.rus]	/ ¹ u.rus/	‘pimenta’
118	[¹ o.rus]	/ ¹ o.rus/	‘tirar as folhas’
119	[¹ so.ʔar]	/ ¹ so.ar/	‘calçar, embanhar’
120	[¹ se.ra]	/ ¹ se.ra/	‘coar’
121	[¹ la.βu] ~ [¹ la.bu]	/ ¹ la.bu/	‘cesto tradicional’
122	[¹ hi.tar]	/ ¹ hi.tar/	‘cicatriz’
123	[¹ hi.ni]	/ ¹ hi.ni/	‘semente’
124	[i. ¹ a:n]	/i. ¹ an/	‘melhor, bonito’
125	[e. ¹ ni.a]	/e. ¹ ni.a/	‘aqui’
126	[¹ ɦo.de] ~ [¹ ɦo.ðe]	/ ¹ ɦo.de/	‘bater’
127	[¹ le.ɦo]	/ ¹ le.ɦo/	‘celeiro’
128	[¹ ɛ.ta]	/ ¹ ɛ.ta/	‘quem’
129	[¹ lo.ʔɛ]	/ ¹ lo.e	‘abrir’
130	[¹ mɛ.ran]	/ ¹ mɛ.ran/	‘vermelho’
131	[¹ mɔ.len]	/ ¹ mɔ.len/	‘insalubre’
132	[la. ¹ ma.o]	/la. ¹ ma.o/	‘mosquito’
133	[a:s]	/as/	‘manga’
134	[¹ bu.a] ~ [¹ pu.a]	/ ¹ bu.a/	‘dormir’

135	[¹ u.tu]	/ ¹ u.tu /	‘piolho’
136	[¹ wa.ni]	[¹ wa.ni]	‘abelha’
137	[¹ we.i]	[¹ we.i/	‘pé’
138	[¹ u.it]	/ ¹ u.it/	‘beliscar, colher’
139	[u. ¹ a:]	/u. ¹ a/	‘orvalho’
140	[sik ˘]	/sik ˘]	‘vinagre’
141	[mat˘ ˘]	/mat	‘cru’
142	[la ¹ ˈfɔ:n]	/la ¹ ˈhɔn/	‘estômago’
143	[la. ¹ le.ˈfian]	/la. ¹ le.ˈhan/	‘céu’
144	[a. ¹ ri.ta]	/a. ¹ ri.ta/	‘colar’
145	[wa. ¹ ri.la]	/wa. ¹ ri.la/	‘quando’
146	[ˌma.nu. ¹ tɛ.lor]	/ˌma.nu. ¹ tɛ.lor/	‘ovo’
147	[ben. ¹ tɛ:n] ~ [pen. ¹ tɛ:n]	/ben. ¹ tem/	‘ladrão’
148	[se:s]	/se:s/	‘afastar’
149	[¹ wa.i] ~ [¹ wa. ʔi]	/ ¹ wa.i/	‘fogo’
150	[¹ ho.i] ~ [¹ ho. ʔi]	/ ¹ ho.i/	‘morder’
151	[¹ hu.ʔat˘ ˘]	/ ¹ hu.ʔat /	‘apanhar’
152	[¹ ʔa.ʔu]	/ ¹ ʔa.ʔu /	‘eu’
153	[hu.ʔa ¹ ta.ʔu]	[hu.ʔa ¹ ta.ʔu/	‘orgulhoso’
154	[¹ i.sa] ~ [¹ ji.sa]	/ ¹ i.sa/	‘um’
155	[¹ i.la] ~ [¹ hi.la]	/ ¹ i.la/	‘quantos’

156	[^h i.na-n]~ [^h wi.na-n]	/ ^h i.na-n/	‘mãe’
157	[^h a.ma-n] ~ [^h wa.ma-n]	/ ^h a.ma-n/	‘pai’
158	[^h na.in ^h wa.ʔik ^h]	/ ^h na.in ^h wa.ʔik/	‘muitas pessoas’
159	[o ^h m-u.a wa. ^h wa.ʔik ^h ^h tan.ti o ba: ^h m-a.la]	/o ^h m-u.a wa. ^h wa.ʔik ^h tan.ti o ba: ^h m-a.la/	‘você come muito porque você que comprou’
160	[mo. ^h mo.ak ^h]	/mo. ^h mo.ak/	‘pouco a pouco’
161	[wa. ^h wa.ʔik ^h]	/wa. ^h wa.ʔik/	‘muito’
162	[to. ^h to.ik ^h]	/to. ^h to.ik/	‘rápido’
163	[ba. ^h di:n]	/ba. ^h di:n/	‘calmo’
164	[₁ ma.ru. ^h ma.run]	/ ₁ ma.ru. ^h ma.run/	‘devagar’
165	[₁ me.sa. ^h me.sak ^h]	/ ₁ me.sa. ^h me.sak/	‘sozinho’
166	[₁ u.su. ^h u.suk ^h]	/ ₁ u.su. ^h u.suk/	‘meio passar só pelo meio’
167	[₁ wa.i. ^h wa.in]	/ ₁ wa.i. ^h wa.in/	‘normalmente’
168	[^h wa.ri]	/ ^h wa.ri/	‘chuva’
169	[ma. ^h la.ʃio]	/ma. ^h la.ho/	‘rato’
170	[la. ^h ba:s] ~ [la. ^h βa:s] ~ [la. ^h pa:s]	/la. ^h bas/	‘ombro’
171	[ma. ^h ʔe:s]	/ma. ^h es/	‘medo’
172	[ba. ^h ri:]	/ba. ^h ri/	‘levantar’
173	[a:]	/a/	‘comer’
174	[a:t]	/at/	‘quatro’

175	[lɔ:]	/lo:/	‘rio’
176	[ˈnɔ.ʔɔɾ]	/ˈno.or/	‘coco’
177	[ba.ˈdi.ʔin]	/ba.ˈdi.in/	‘calmo’
178	[ˈma. ʔa]	/ˈma.a/	‘vir’
179	[ˌma.nu ˈa.man]	/ˌma.nu ˈa.man/	‘galo’
180	[ˈmanu]	/ˈmanu/	‘pássaro’
181	[ˈa.man]	/ˈa.man/	‘pai’
182	[ˌba.tar ˈse.nar]	/ˌba.tar ˈse.nar/	‘pipoca’
183	[ˈba.tar]	/ˈba.tar/	‘milho’
184	[ˈse.nar]	/ˈse.nar/	‘fritar’

EMAIL PARA CONTATO

maressa_xavier@hotmail.com